Num. 340 Sabbado 26 de Dezembro de 1914 Anno VII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

O NATAL DOS POBRESINHOS...

Sodré — O' mestre... Não puzeram nada nos meus sapatos

CERVEJARIA
FIDALGA
FIDALGA
A
Cerveja da Moda

Guimarães Passos contava:

Em Maceió. Representava-se a tragedia «Dona Ignez» no theatro local. A companhia dramatica era uma sociedade recreativa. O papel de Dom Pedro, o Crú, era interpretado por um talentoso açougueiro.

Na scena segunda do primeiro acto, Dom Pedro, nas suas vestes principescas, appareceu no palco.

Da platéa, ao vel-o, um rapazito gritou:

— Olha o açougueiro!

Dom Pedro, interrompendo os gestos que fazia de accordo com as indicações do contra-regra, fincou o olhar furioso no pequeno espectador importuno, e disse:

— O açougueiro, hein, grandissimo patife!

Em seguida, voltando-se para o homem do panno de bocca, mandou:

— Arreia a geringonça, que já me arreconheceram.

A Inglaterra proclamou o seu protectorado sobre o Egypto, desistindo do tributo que este lhe pagava annualmente.

## TENENTE SODRÉ

O tenente Feliciano de Abreu Sodré, que exerceu o cargo de Prefeito de Nictheroy, não exercita hoje nenhuma funcção civil que o isente dos deveres e cargos militares.

Os officiaes do exercito que não occupam cargos civis nem estão no goso de licença concedida nos termos categoricos da lei, permanecem na fila dos batalhões ou em repartições da guerra, cumprindo deveres e desempenhando funcções proprias de militares.

Não se comprehende, pois, que o tenente Sodré esteja no goso de uma excepção indisciplinar que o dispensa dos serviços mas não lhe tira os proveitos e vantagens do seu posto.

Seria preferivel que esse official, integrando-se na classa armada, fosse de novo commandar a sua guarda em vez de andar a fazer ameaças ridiculas contra o Supremo Tribunal.

## ACTO IV

**Scena 8a**

*(A apresentação dos Bardos. Jardim fantastico. Folhas, aves, borboletas, luar... O tribunal está sentado em amphitheatro, á D. A. Desenha-se um vulto ao fundo. Vem cauteloso, movendo devagarinho os quatro pés).*

CÔRO DAS BORBOLETAS

Este é o jardim do feitiço...

*(O vulto, ainda ao fundo, em aparte).*

Eu, pobre bardo remisso,
Não sei se sou capaz disso...

*(Avança, galopando, e pára em frente ao Tribunal).*

Senhores, sem compromisso,
Cabeça baixa, submisso,
Como quem traz um caniço
No caminho alagadiço
Ou no solo movediço
Que está perto do macisso
Das aguas do lago, atiço
Comtudo o meu pouco viço ;
A coma leonina eriço
Baio de vez no derriço,
E em vernaculo castiço,
Lustroso como um chouriço,
Apresento-me ao serviço,
Eu, poeta, eu rico, eu... Chaumiço

CÔRO DO TRIBUNAL

*Seu* Magalhães, não vou nisso !

*(E o bardo leva um definitivo sumiço).*

Extr. da tragedia antiga *Khavalisso*, em 5 actos immoraes e 20 quadros inconfessaveis.

ZÉ VERISSO
(Trad.)

———OO———

**Os nossos conquistadores**

O Quincas, que tem um nariz deste tamanho, consegue, em um baile, attrahir para um canto, gentil demoiselle e começa com esse preambulo a ardente declaração que deseja fazer :

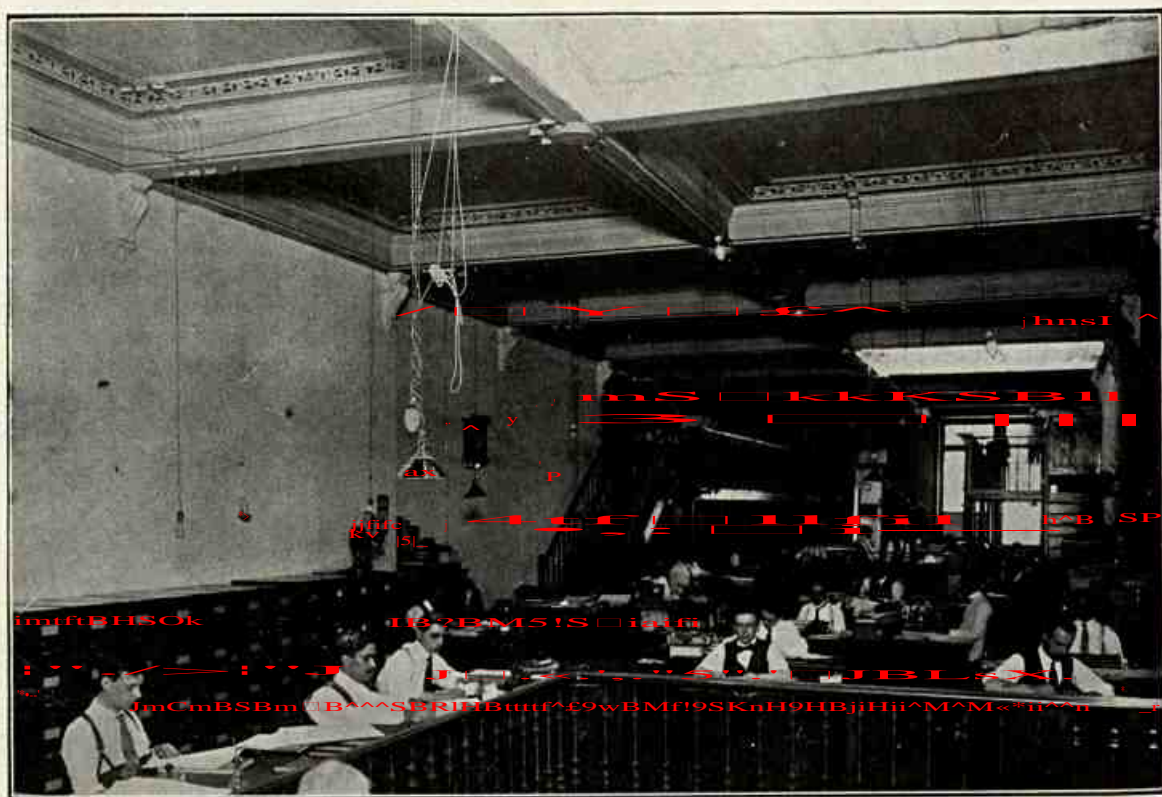
— Senhorita, o assumpto de que vou tratar é um pouco extenso...

— Já sei que quer tratar do seu nariz, não é?

Ultimas Creações para Verão
1 — BLUSA de étamine, enfeitada com finas rendas e bordado a mão.
Preço 42$000
2 — BLUSA de molmol, enfeitada de rendas valencianas, com applicação e bordado a mão.
Preço 48$000
3 — BLUSA de linon, enfeitada com bordados a ajours.
Preço . . . 10$500
4 — BLUSA de molmol, guarnecida de finos entremeios e applicações de renda.
Preço 11$500
5 — BLUSA de crépeline fantasia, muito elegante.
Preço . . . 19$500
6 — BLUSA de crépon, genero chemiseate, de bello effeito
Preço 18$000
7 — BLUSA em cambraia de linho, com finos bordados á mão.
Preço 38$000
8 — BLUSA de voile, com bordados á mão.
Preço 18$000
E' esta uma das paginas do catalago illustrado, de novidades para verão, que está agora em distribuição.

# VICTORIA DO MUTUALISMO SÉRIO

## *O povo deve procurar inscrever-se em companhias sérias afim de poder garantir o futuro dos seus e de seus filhos contra as surpresas da sorte*

# Uma Sociedade que se recommenda

*A Universal — 1º andar — secção de expediente e escriptorio geral — vendo-se como todo o pessoal trabalha — quer dizer que alli ha trabalho, que alli ha vida, que alli ha prosperidade*

O seguro! Que é, porem, o seguro?

O seguro, na sua expressão mais simples é a previdencia. E' a cautella do homem probo que deseja o futuro intelligentemente garantido contra as surprezas da sorte.

O mutualismo é o seguro em cooperativa, é o seguro feito por associação. Somente cada interessado não precisa estar reunindo companheiros, nem formando grupos: Ha uma Sociedade constituida para esse fim — A UNIVERSAL.

A UNIVERSAL tem organisado, e em funcionamento perfeito, o seguro por mutualidade, A ella se dirige quem deseja segurar-se contra as eventualidades do futuro sempre duvidoso, quem deseja precaver-se contra as incertezas da sorte. A UNIVERSAL escolhe os associados, previne-se contra as astucias da delinquencia, forma as séries de mutualistas, effectua as collectas de joias e contribuições, realisa o pagamento dos peculios, preenche, emfim, todos as formalidades estabelecidas em Estatutos e planos approvados pelo Governo, sob a fiscalisação da Inspectoria de Seguros.

A UNIVERSAL procede na administração como procuradora dos associados para assegurar-lhes, alem de um peculio por morte, mais o direito a remissão, e ao sorteio mensal. De peculios já pagou ella até

30 de Novembro pp. a bella somma de Rs. . . 3.001:403$510; de premios pelos sorteios realisados Rs. 100:000$000; remidos já tem 3500 socios contribuinte, nas séries de 10 e 20 contos, alem dos fundadores. «A UNIVERSAL» bateu o «record» do mutualismo e é, incontestavelmente a mais economica de todas as suas congeneres, mas, tendo a responsabilidade da organisação deste systema de seguros, entendeu aperfeiçoal-o ainda mais e conseguio-o, creando a nova classe de socios que denominou integralisados.

Os socios «Integralisados» realisam de uma só vez ou em prestações, o pagamento de uma determinada importancia correspondente á joia, sello da apolice e taxa de sinistro. Feito o pagamento dessa importancia, nenhuma outra obrigação contrahem, ficam definitivamente remidos.

Em troca desse pagamento, effectuado em condições positivamente faceis e convidativas «A UNIVERSAL» dá direito, não só a um peculio, como tambem aos sorteios mensaes e ás demais vantagens liberalmente conferidas pelos Estatutos da Sociedade.

A applicação dos valores arrecadados a titulo de *taxa de sinistro* é feita da maneira mais segura e mais escrupulosa, demonstrando a competencia e a probidade com que é dirigida «A UNIVERSAL.»

Oitenta por cento desses valores são applicados na constituição do »Fundo de Sinistros», que se destina ao adiantamento do peculio ao beneficiario do socio fallecido, logo que esteja completo em cada uma das séries actuaes o numero de mil integralisados.

Assim, «A UNIVERSAL» encontrou a mais adiantada fórma do seguro integralisado, deu a difinitiva e vantajosa solução do mutualismo immediato.

O principio da nova classe, a liquidação prompta do peculio, independente de arrecadação, é de facto uma intelligentissima expressão do mutualismo.

Só podemos dar parabens aos seus organisadores e ao publico — dadas as bases seguras em que os directores da «A UNIVERSAL» assentaram com todas as garantias para os mutuarios — essa nova classe, portanto o povo deve precaver-se contra as taes *Soberanas Dotaes, Primavéras, Mutuos Anniversarias*, etc., etc. e outras que fecharam as suas portas sem darem satisfações ao publico, e quando encontrarem comos seus Directores devem enfrental-o e apontal-os a execração publica, já que a policia não soube cumprir com o seu dever entregando-os a justiça, e procurar inscrever-se em companhias como «A UNIVERSAL» afim de garantir o futuro dos seus e de seus filhos.

*A Universal — 2º andar — secção de contabilidade — vendo-se da esquerda para a direita sentads o Snr. Victor Coelho — chefe da secção acompanhado de seus auxiliares*

## ENTRE SENHORITAS

— Mas, em que te baseias para affirmares com tanto calor que elle te ama?

— Era melhor que não me fizesses tal pergunta.

— Por que? Agora é que me aguçaste devéras a curiosidade.

— Vê se a dissipas.

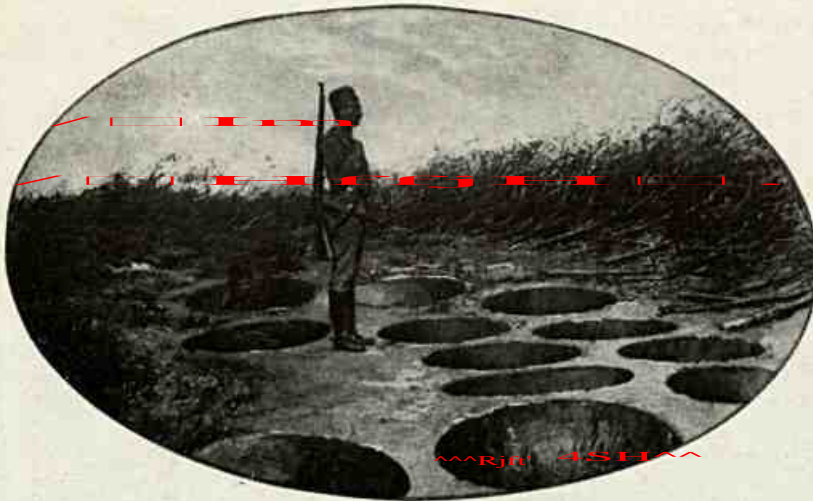
— Deixa de tolice, fala.

— Mas, a ti principalmente é que não devo dizer.

— Queres endoidecer-me!...

— Bem, a culpa será tua: affirmo que elle me ama... porque mostra todas as cartas que tu lhe escreves.

□ □ □ □

## A GUERRA

*Armadilhas empregadas pelos austriacos para surprehenderem as avançadas servias que, incautas, cahiam nesses buracos, muitas vezes recobertas de verdura.*

## DISTRAHIDAMENTE

Um professor de grego dando instrucção a um criado novo:

— As suas obrigações são taes e taes e taes; porém o que lhe recommendo acima de tudo é que não leia os meus livros.

— Não sim, respondeu o criado.

# TELEGRAMMAS

CONSTANTINOPLA, 25

Chegou hontem a esta capital o primeiro Zeppellin mandado fabricar para a invasão do Egypto e Transcaucasia. As forças turcas infligiram tremenda derrota nos russos e inglezes, aprisionando cerca de 90.000 inimigos. Continuamos a avançar até Suez. Os polacos recebem os nossos canhões de braços abertos. As polacas até nos chamam de zimbadigos. Até fins deste, esperamos dar as mãos aos allemães e austriacos em Petrograd. (Official).

LONDRES, 25 (Official).

A esquadra allemã que estava engarrafada rebentou os arames e desengarrafou-se sem dar tempo a que os nossos navios acudissem vindo bombardear as nossas costas. Depois fugiu á toda pressa e tornamos a engarrafal-a. Desta vez apertaremos melhor os arames.

BERLIM, 25 (Official)

O general Hindemburgo foi chamado pelo Kaiser para commandar as tropas que operam na Belgica e na França, á vista das tundas que tem dado nos russos. Com a sua chegada as nossas forças se reanimaram e espera-se brevemente a chegada dos allemães a Paris.

BUCKAREST, 25 (Official)

A Rumania declarou que teria o mesmo procedimento que a Italia na actual conflagração. O publico enthusiasmado acclama o governo.

ROMA, 25 (Official)

A Italia acaba de chamar mais 3 milhões de reservistas ás armas para manter firmemente a sua neutralidade.

## Os nossos filhos

— Juca! Mais cuidado quando fallares com tua avó.

— Mas se ella é tão aborrecida, papai.

— A quem o dizes! E você pensa que minha sogra me diverte!

# MAXIMAS

A ingenuidade é patrimonio da infancia.

*

As grandes paixões são como as tempestades que trazem ás vezes graves consequencias.

*

A inveja é como a planta ruim que exgota todos os terrenos por mais ferteis que sejam.

*

A lucta pela vida é a mais eloquente prova do amor que a ella se tem.

*

Os desenganos são as tempestades do mar em que vivemos.

*

(Quem ler as maximas acima ha de jurar que são do conselheiro Acacio, ou do não menos conselheiro Calino. Pois enganar-se-á profundamente. São de um literato hespanhol que acode ao nome de Ernesto Enrique Latre. E a gente a pensar que a familia pachecal já se extinguira!)

A mulher para ser feliz precisa ver no companheiro não o marido, ma os homem a quem ama.

E. LATRE

## Os nossos medicos

— Você sabe quem morreu, Silva? O nosso collega Dr. Magalhães.

— Sim. Com certeza foi receita propria que tomou.

Foi em 1872 que se construiu no Japão a primeira estrada de ferro. Ligava Tokio a capital e Yokohama o principal porto japonez, tinha 30 kilometros e o percurso se fazia em duas horas. Actualmente existem no Japão mais de 12.000 kilometros de estrada de ferro.

Uma visita á La Royale constitue uma real alegria para as Ex.mas familias.

1915

# La Royale

**A maior variedade**

**O menor preço**

# BOM DEVEDOR

Existiu ha muitos annos numa cidade do interior, um individuo chamado Izidoro, que era muito conhecido por causa das pilherias e partidas que costumava pregar á meio mundo.

Frequentador dos salões mais importantes d'aquella epocha, Izidoro possuia um inexgotavel repertorio de pilherias e anedoctas de todo o genero ; e quando elle começava a contar alguma, pouco e pouco fazia-se ao redor d'elle um numero consideravel de ouvintes boquiabertos, que, quando acabava o conto, ha muito tempo que ria á bandeiras despregadas.

Contando anedoctas, e não perdendo baile ou funcção, Izidoro approximou-se sem sentir dos trinta annos.

Reflectindo sobre isto maduramente, resolveu pedir em casamento a filha do coronel Estevam, o homem mais rico e ao mesmo rempo, o maiór usurario da cidade.

Si bem que elle não tivesse nada, tinha muito boa presença, e o seu pedido foi logo acceito.

D'ahi a um mez, Izidoro casou-se.

Passaram-se sem maior incidente cinco annos depois disto ; o dinheiro que a mulher tinha trazido, havia um mez que tinha sido bom.

Izidoro depois de matutar uns dias, foi á casa do sogro, e após muitas manhas e artificios, conseguiu arrancar-lhe uma boa bolada, que dava para viver á larga, seguramente uns dois annos.

Mas estes tambem se escoaram.

Izidoro pensou, e tornou a pensar. Do coronel, elle via claramente, que não obteria mais nada. Emfim, teve uma idéa digna de si mesmo.

Para pôl-a em execução, convidou a mulher e os filhos para irem visitar o sogro.

Lá chegados, Izidoro disse-lhe muito socegadamente :

— Coronel, não é bom devedor um sujeito que havendo-lhe tirado uma certa quantia, no fim do praso lhe restitue o mesmo capital com todos os juros ?

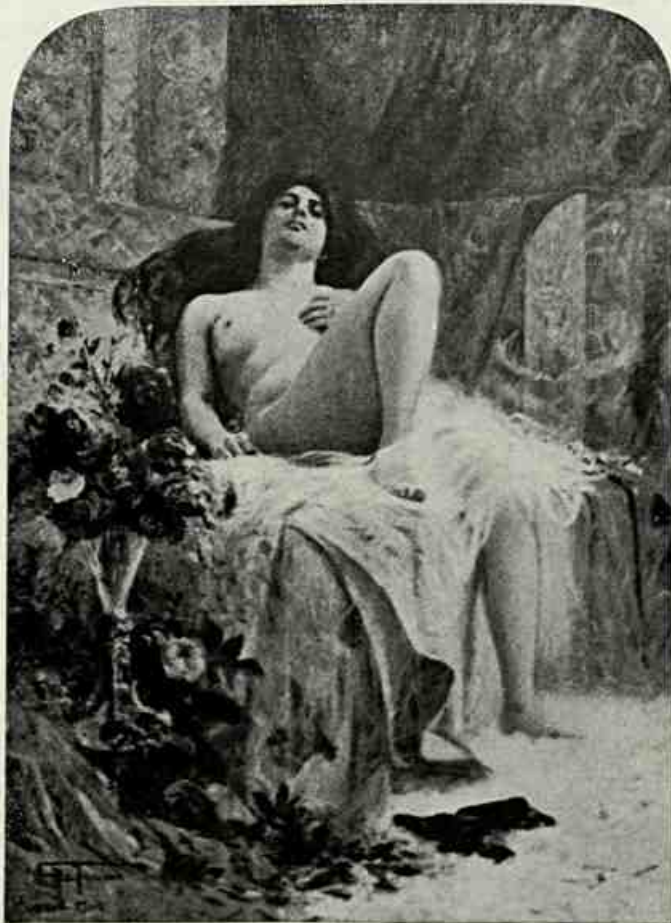
— E', sem duvida, exclamou o sogro.

— Pois sou da mesma opinião, por isso lhe restituo aqui a sua filha e os respectivos juros.

A. V.

# O CONFORTO NA GUERRA

*Duchas estabelecidas nas trincheiras alliadas pela engenharia franceza*

# TSING-TAU

*Assalto japonez, no dia 6 de Novembro*

# INCONVENIENCIA DA INFIDELIDADE

O Lopes é um sujeito verdadeiramente original. Tem o costume de não pagar as contas antigas. Os credores não o largam dia e noite, quer em casa, na rua ou na repartição, o que obriga o nosso homem a usar de estratagemas mais ou menos extraordinarios.

Uma occasião deparou em plena rua do Ouvidor com um «cadaver». O Lopes não vacillou um minuto. Deixou-se abordar e acolheu o credor com um sorriso todo amabilidades.

— Ia mandar procural-o..., disse elle immediatamente. E convida-o para tomar uma cerveja. O homem accede. Entram n'um café (muito conhecido do Lopes) e no meio da conversa o nosso heróe pede licença para se retirar por um «minutinho». O homem cáe no «conto» e fica esperando... emquanto o Lopes, muito ligeiro, sáe por uma porta dos fundos e zarpa a todo vapor.

Em consequencia d'este costume, o Lopes é procurado diariamente na repartição, onde tem o modesto emprego de amanuense. Mal chega á esta, o seu primeiro cuidado é avisar ao continuo ; se vierem me procurar, já sabe... diga que estou com licença...

E quando os credores chegam bufando após terem subido uma longa escadaria, acolhe-os sempre a mesma invariavel phrase :

— O Sr. Lopes não está ; foi para fóra, e só voltará d'aqui a dois mezes.

Desanimados, enxugando o rosto banhado de suor, os homens descem os dois grandes lances de escada. Em casa é a mesma cousa. Nos primeiros tempos então, era um horror : um bater incessante de palmas acompanhado sempre da mesma pergunta :

— O Sr. Lopes está ?...

As mais das vezes, quem vinha attender era a Josepha, uma preta velha, obesa, viuva de dentes e de cabellos, e que, com uma impassibilidade invejavel dizia, emquanto o Lopes por dentro da janella escutava furibundo :

— O patrão e a patrôa não estão em casa ; mas se o sinhô quizé, póde deixar o recado...

Se o credor era paciente, sacudia a cabeça resignado, maldizia aquella divida, e ia-se embora pensando no «callo» que se lhe afigurava certo.

Mas, se, pelo contrario, era zangado, dava o solemne desespero, e ameaçava fazer um escandalo na porta da rua, ou de ir queixar-se a policia. Gesticulava furiosamente, e promettia voltar no dia seguinte disposto a virar tudo em «frege».

Apezar de tudo, o certo é, que, os credores foram desapparecendo um atraz do outro, o que fez com que o Lopes exultasse de alegria.

Um dia, porém, aconteceu ao nosso homem um facto, sem importancia aliás, mas que podia redundar em sérias consequencias.

Foi n'um sabbado. O Lopes aguardava, impaciente, a chegada d'um amigo de infancia, que promettera ir jantar com elle. Como o amigo não viesse a hora aprazada, o Lopes que era um gastronomo, mandara tirar o jantar e sentara-se á mesa com a mulher, com quem momentos antes tivera forte discussão sobre uma projectada recepção (dois pratos quebrados na cosinha, attestavam a violencia da contenda) quando a Josepha veio lhe dizer que um homem, á porta da rua, desejava lhe fallar. Suppondo ser o amigo, que por qualquer imprevisto não pudesse chegar á hora marcada, mandou que a Josepha o fizesse entrar para a sala. Momentos depois vai ao seu encontro com uma gigantesca exclamação preparada, os braços abertos, sorriso nos labios... mas não era o seu amigo de infancia, e sim um carrancudo cobrador ! Não perdeu

a calma e fel-o sentar-se. O homem foi direito ao assumpto.

— Seu Lopes, principiou elle, não era meu desejo vir incommodal-o mais ; mas attendendo á minha actual situação, resolvi vir pedir a V. S. se não me poderia arranjar um pouco d'aquella nossa contazinha...

— De maneira nenhuma, atalhou o Lopes, posso servil-o agora. Até hoje não percebi ainda os meus vencimentos ; o senhor tenha paciencia, volte d'aqui a quinze dias...

— Mas seu Lopes, retrucou o credor com impaciencia, ha um anno que o senhor diz-me sempre isto ; venha hoje, venha amanhã, volte na outra semana ; confesso que já estou cansado...

— Mas, senhor, tornou o Lopes exasperando-se com a insistencia do cobrador, já lhe disse que agora é impossivel servil-o...

E sentia impetos de fazer alguma violencia. A mulher gritava-lhe que o jantar estava esfriando, que viesse. E nada do diabo do homem querer se ir embora. Já se viu cousa semelhante ?

Por seu lado, o homem tambem perdia a paciencia e tinha desejos de lhe dizer alguns desaforos.

Aquillo era uma brincadeira, e elle não era nenhuma criança. Por fim, não se podendo conter por mais tempo, levantou-se e disse :

— O senhor não tem dinheiro para pagar-me, a mim que tenho tido a paciencia de esperar um anno, no emtanto tem-n'o para gastar na rua com as mulheres...

O Lopes fez-se livido ..

— O senhor ousa... ousa dizer-me isto ?

— Como não, se é a verdade ? E dil-o-hei mesmo a sua senhora...

— O senhor ?...

— Eu mesmo. Estou disposto a tudo até que o senhor pague-me a conta...

— E' uma infamia !

— Bem ! eu não vim aqui para discutir. O senhor quer pagar-me ou não ?... Se não quer a sua senhora tornar-se-ha sabedora das suas visitas á uma certa casa da rua...

O Lopes estremeceu.

— Quem lhe contou semelhante calumnia ? balbuciou, tremulo.

— Ninguem. Eu mesmo vi...

N'um instante o Lopes anteviu o escandalo... a discussão com a mulher, depois... e era o mais terrivel ainda, com a sogra, com aquella mesma sogra, verdadeira parente de Satanaz. Só ante esta idéia tragica, elle sentiu uns suores frios escorrerem-lhe ao longo da espinha...

— Bem, disse elle, tentando apparentar um ar calmo e indignado, não quero mais discussões, deixe-me ver a conta...

O homem entregou-lhe um papel, cuja côr primitiva seria impossivel de se precisar, e o Lopes, temendo a catastrophe, foi buscar o cobre. Momentos depois voltava com o dinheiro e após tel-o contado, entregou ao cobrador, que se desfez em amabilidades e agradecimentos.

O homem ia a sahir quando o Lopes chamou-o.

— Espere um pouco... isto é para si.

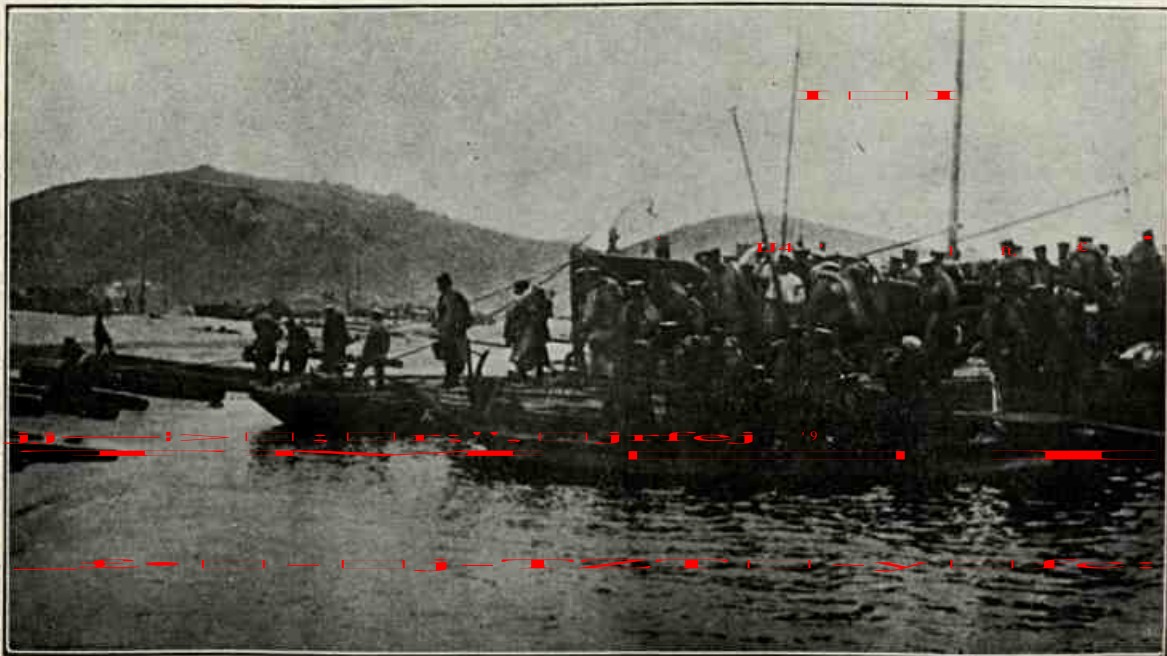
E entregou-lhe um precioso havana.

O credor ante tamanha gentileza não encontrou uma palavra capaz de expressar a sua gratidão... Esboçou um sorriso amavel, balbuciou um «muito agradecido» e sahiu. Na rua, então, não podendo mais conter-se, soltou uma gargalhada.

Emtanto o Lopes, já meio refeito do susto, vinha terminar a sua refeição fria, pensando que bem mais valia pagar uma conta, embora forçado, do que arriscar-se a experimentar a fortaleza dos pulmões da sogra.

Mas tambem creio que esta conta foi a unica que elle pagou.

SYLVIO B. PEREIRA

# A GUERRA

*Allemães aprisionados em Tsing-Táu desembarcando em Lao-Shan*

A SALVAÇÃO
DAS
CRIANÇAS
HORLICK'S
MALTED MILK
LEITE MALTADO DE HORLICK
UM ALIMENTO
DELICIOSO E NUTRITIVO PARA CRIANÇAS E INVALIDOS
CHRISTOPH. RIO DE JANEIRO

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

End. Teleg. Kósmos

Telephone N. 5341

N. 340 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 26 — DEZEMBRO — 1914 — ANNO VII

# O caso do Estado do Rio

O accórdão do Supremo Tribunal Federal sobre o caso do Estado do Rio é tão claro como esse caso, e não é preciso ser professor de direito para comprehendel-os na sua limpida transparencia.

Polemystas interessados, ao menos politicamente, na ascenção presidencial do Tenente Feliciano de Abreu Sodré, com loquaz habilidade incontestavel, têm procurado, applicando o tumultuario methodo confuso, complicar essa questão simplissima e querem fazer com que os outros, revestindo-se de ingenuidade infantil, acreditem numa prepotente invasão do nosso tribunal superior ás espheras privativas dos poderes politicos.

Um cidadão, que é no caso o senador Nilo Peçanha, dizendo-se presidente eleito e reconhecido do Estado do Rio de Janeiro, pediu ao Tribunal uma ordem de *habeas-corpus* que lhe assegure o exercicio d'aquella funcção.

Os ministros sabiamente trataram de verificar a legitimidade do titulo do impetrante e como esse titulo lhe foi conferido pelo poder competente — a Assembléa legal do Estado — concederam-lhe a medida impetrada.

O Tribunal não se metteu em negocios peculiares á assembléa estadoal para reconhecer um presidente entre dois candidatos, apenas acatou a decisão d'ella, e proclamou a legitimidade do presidente por ella reconhecido.

Abuso teria havido, e intoleravel, se, em vez de respeitar a decisão da Assembléa por elle reputada legal, o eggregio Tribunal requeresse as actas eleitoraes e quizesse verificar si o candidato reconhecido foi o que maior numero de votos obteve.

Aconselhar o Poder Executivo Federal a desobedecer o accórdão do mais alto tribunal do paiz equivale a dizer a quem tenha um direito ameaçado que não procure o amparo constitucional da justiça e reccorra, para mantel-o, ao uso bruto da força.

Si o poder judiciario não serve para assegurar o exercicio dos direitos legitimamente reconhecidos pelos outros poderes, de accordo com as leis vigentes, é um inutil orgão sem funcção nem influencia na federação brasileira.

Parece-nos, porém, que só agora, por que lhe surge na frente um quarto poder, é limitada a area da competencia do judiciario.

Os nossos brilhantes collegas da *Noite*, na sua secção dos *Ecos*, reduziram aos seus nitidos termos a phase actual do caso do Estado do Rio. Como disseram os nossos argutos confrades nocturnos, até agora, sobre o caso presidencial fluminense, ha um accórdão do Supremo Tribunal Federal e uma varia do *Jornal do Commercio*.

Um accórdão deve impressionar o governo por ser um acto de normalidade legal emanado de um dos tres harmonicos poderes nacionaes; uma varia não deve deixar de commovel-o por ser um escripto de regularidade peculiar a um dos muitos jornaes brasileiros.

O Supremo Tribunal Federal é um orgão creado pela Constituição Republicana para garantir a correcta execução della e das outras leis; o *Jornal do Commercio* é uma gloriosa folha mantida para externar as idéas e os principios dos seus illustres e competentes redactores.

Comprehende-se, pois, que o Presidente Wencesláu Braz oscille, indeciso, entre um accórdão do Supremo Tribunal e uma varia do *Jornal*, pois o severo avô da imprensa indigena, além do prestigio oriundo dos seus longos decennios de proveitosa existencia conservadora, possue, hoje, a força moral que lhe veio do indignado fragor do seu protesto, deante do bombardeio da Bahia e da deposição do governador cearense.

# Villa Izabel

*Festa do lançamento da pedra fundamental de uma nova igreja*

## O CUMULO DO LACONISMO

Só excepcionalmente os grandes espiritos se comprazem na prolixidade. Em geral a concisão os seduz. Os espiritos mediocres, ao contrario, afogam habitualmente a sua imprecisão de pensamento ou pobreza de idéas em ondas de palavras.

Desde os tempos antigos que as vantagens da concisão já eram preconisadas. Horacio Flacco, o grande poeta dos tempos aureos de Roma, dizia *Esto brevis et placebis*; o que em linguagem vernacula quer dizer: Sê breve e agradarás.

Muitos escriptores notaveis perdem os seus trabalhos dos excessos dispensaveis, exemplo ha pouco seguido pelo nosso illustre Coelho Netto, na revisão annunciada das suas obras. Outros por distracção se têm divertido em fazer composições especialmente laconicas. São muito conhecidos os especimens de poesias, dramas, cartas ou contos condensados. O mais notavel no genero é a curiosa correspondencia de Voltaire e Piron. Estes dois escriptores, no curso de uma palestra sobre o laconismo, fizeram-se mutuamente um desafio sobre qual dos dois escreveria a carta mais curta. Ficou combinado que Voltaire escreveria a carta e Piron responderia. A lingua era facultativa. Cada qual escolheria a que lhe approuvesse. Nessa occasião Voltaire estava em vespera de seguir para o campo. Pegou na penna e escreveu a Piron:

*Eo rus.*

que quer dizer, em latim, «Vou para o campo».

Pelo mesmo portador Piron respondeu:

*I*

que quer dizer em latim «Vai!». E' o imperativo do verbo *eo, is* etc.

Parece que essa resposta, uma simples letra, deve ser o cumulo do laconismo. Entretanto me parece que eu excedi Piron em um caso succedido ha poucos dias. Achava-me em uma mesa de confeitaria, com um conhecido que tem feito varias vezes appello a minha bolsa. Por causa da crise e outros motivos, resolvi por fim a essas incursões.

Ignorando esta resolução minha, elle esperou um ensejo propicio, escreveu em uma mortalha de cigarro:

*Pouvez vous me prêter 10$ ?*

e m'a passou. Eu li e fiquei indeciso. Mas logo me occorreu uma idéa, e tomando o lapis fiz por baixo da pergunta:

•

Elle comprehendeu que ponto em francez é *point* — não, fez um sorriso de quem achava graça, e queimou a mortalha — com fumo dentro.

A minha resposta ao mordedor pode não ser tão grammatical como a de Piron a Voltaire: mas é incontestavel que é mais laconica.

A historia literaria não registra quanto valia a aposta entre Voltaire e Piron, e se o vencedor ganhou alguma cousa. Eu sei que com a minha resposta ganhei dez mil réis.

P

Napoleão I tinha garbo da pequenez de seus pés.

O almirante Barão de Teffé entrou para a redacção dos «a pedidos» do *Jornal do Commercio*.

Os seus artigos de estréa causaram muito bôa impressão.

## Os nossos faquistas

— Você terá por acaso 60$000 que me empreste? Na verdade não tenho necessidade absoluta delles para hoje, mas...

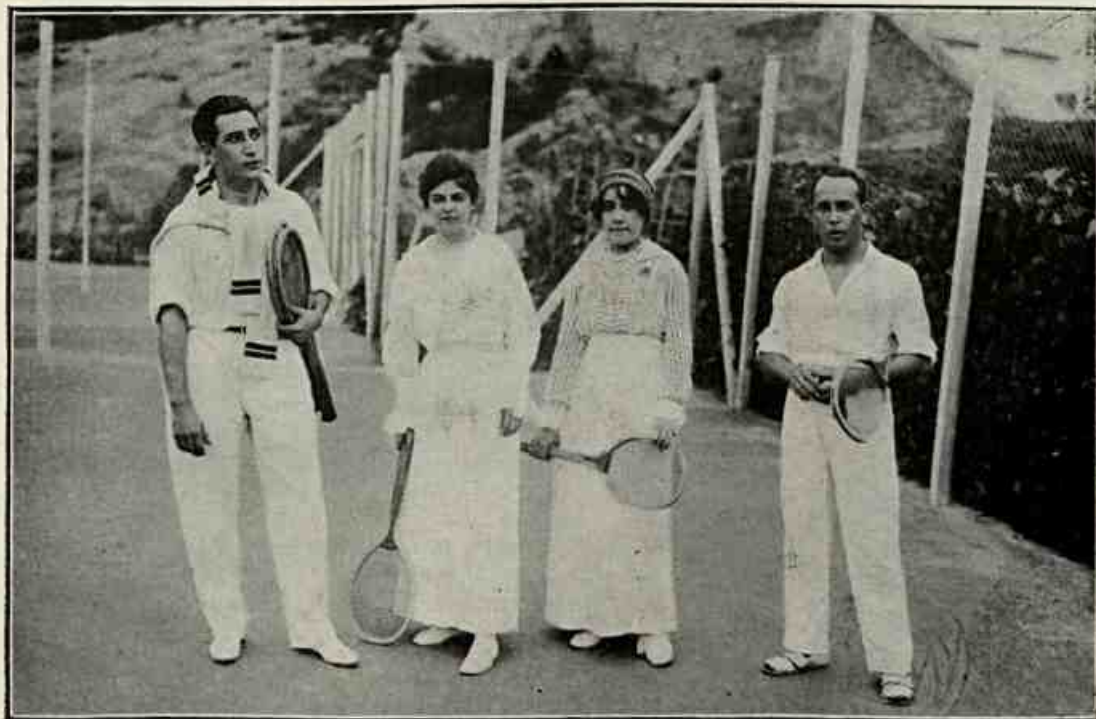
— Pois então quando fôr a occasião...

— Mas é que sempre que te peço *algum* emprestado, você me responde: Ai filho! Se você me tivesse pedido hontem!... Então...

Mozart ensoberbecia-se com a finura do seus cabellos louros que elle trazia em cachos cahidos por sobre os hombros e sempre atados por meio de uma fita de seda de côr.

Regressa da Europa, onde permaneceu desde que foi reconhecido o Presidente cujo mandato acabou em 15 de Novembro deste anno, o illustre escriptor Medeiros e Albuquerque.

No almoço realisado no Restaurant Assyrio e offerecido ao distincto clinico Dr. Braz de Revoredo, que regressou da Europa, tomaram parte os Srs. Coelho Netto, Santos Pardelhas, Dario de Mendonça, Povôas Junior, José Marianno Filho, Alvaro Moreyra, Fellippe Daudt de Oliveira, Gregorio Fonseca, Alcides Maya, Bento Porto, Baptista Xavier, Leal de Souza, Teixeira Leite Filho, Fernando Leão, Paulo Hasslocher, Edgard Fontoura de Barros e Alberto Saraiva da Fonseca.

# Fluminense Foot-Ball Club

Vencedores de Lawn-Tennis, de 19 do corrente

*E' na arte que reside a harmonia definitiva das nossas illusões essenciaes, porque da belleza do amor procedem todas as fórmas artisticas. Mas, o amor é antes idyllio que tragedia. No drama ainda ha esperança, na tragedia, não: e o amor é a vida que aspira eternisar-se, é o tempo vencido, é o ideal dominando... Na doçura das nupcias, o lemma não rebate o impossivel de «Romeu e Julieta»; reproduz as palavras magicas da «Sakuntala»: — Serás a força creadora que enche os espaços e avassalla as idades...*

*Sem fé, a sublime cegueira constellada, não ha amor, a potencia invencivel que desafia a morte e desafia o inferno. Crer é o seu verbo.*

*Neste bater de azas encantadas, pervias e luminosas, as almas se manifestam sobre a materia rude.*

*Amor é idyllio...*

# CASTALIA

— Porque hei de ser o unico que regresse do monte—tão rude como a elle subiu? Vim com o desejo de traduzir em cantos os mysterios da vida e bebi, sofrego, desta agua. Sou, entretanto, o mesmo que era dantes. Quando aqui cheguei abriam-se as flores na primavera. O estio dourou as arvores, o outono carregou-as de fructos, o inverno despiu-as das folhas, outra primavera refloriu-as; e aqui estou como vim. Outros subiram nas minhas pégadas e, só com um gole d'agua, que beberam, desatou-se-lhes a voz em lyricas e desceram cantando. Eu entristeço, calado, á beira da fonte sonóra. E porque, sacerdote?

O hierophanta respondeu ao peregrino melancolico:

— Tens ali um rochedo que o orvalho mólha e as chuvas lavam, em torno tudo é viço, elle é esterilidade eterna: vige alguma o enfeita, porque é pedra. Põe-lhe em uma das fendas um pouco de terra e que a humedeça um lentejo de rócio e logo rebentará o novedio.

A agua na rocha lisa passa sem deixar beneficio, como o conselho do sabio pelos ouvidos do indifferente. Ama, e a agua fará o milagre. Por uma urna sem fundo pode escoar todo um rio, perdendo-se desaproveitado, e duas mãos em concha sob um lacrimal, bastam para recolher o que sacia a sêde mais avida. Ama e cantarás.

— Então é necessario que eu procure o amor?

— Que o procures, não. O amor é um destino, como a morte: não se procura, espera-se.

**Coelho Netto**

# NATAL

No ermo agreste, da noite e do presepe, um hymno
De esperança presaga enchia o céo, com o vento...
As arvores : «Serás o sol e o orvalho !» E o armento :
«Terás a gloria !» E o luar : «Vencerás o destino !»

E o pão : «Darás o pão da terra e o pão divino !»
E a agua : «Trarás allivio ao martyr e ao sedento !»
E a palha : «Dobrarás a cerviz do opulento !»
E o tecto : «Elevarás do opprobrio o pequenino !»

E os reis : «Rei, no teu reino entrarás entre palmas !»
E os pastores : «Pastor, chamarás os eleitos !»
E a estrella : «Brilharás, como Deus, sobre as almas !»

Muda e humilde, porém, Maria, como escrava,
Tinha os olhos na terra em lagrimas desfeitos :
Sendo pobre, temia ; e, sendo mãe, chorava...

1914.

Olavo Bilac

*Ha cerca de 2000 annos, no desconforto de uma estribaria, ás portas de Belem, nasceu um menino destinado a morrer no cimo de um monte, com os braços pregados nos braços de uma cruz.*

*Concebera-o sem peccado a mais pulchra das virgens de Nazareth, a candida Myrian, de negros olhos avelludados pelas preces e pelos prantos; saudaram-lhe o berço arranjado na palha consagrada aos bois e aos asnos, os humildes pastores despertados a um canto augural de gallo, á luz da estrella guiadora; iniciou-o no mundo a bondade simplória de um carpinteiro galileo. Não teve mestres, mas no seu espirito humanisado brilhava o saber divino.*

*Marchando da mangedoura á cruz, traçando da obscuridade d'aquella á eminencia desta um caminho de 33 annos, Elle espalhou no solo da vida os generosos sonhos e as simples verdades que refundiram a religião e crearam a maior das civilisações, dando novas edades á velha terra.*

*E por que foi a bondade que os phariseus crucificaram nos cimos do Calvario, — quando o Tempo renova a aurora que doirou o berço de Belem, onde quer que sorria uma creança, os homens vêm uma bôa morada e sobre ella attrahem a dadivosa figura distribuidora de graças e bens.*

OO OO OO OO OO OO

# O IMPERADOR

No tempo da guerra do Paraguay, tendo ido ao Rio Grande do Sul para receber a espada de Estigarribia, vencido em Uruguayana, Dom Pedro II passou por Pelotas, onde permaneceu alguns dias, em um dos quaes deu audiencia publica.

Entre as numerosas pessoas que compareceram a ella, contava-se um gaúcho vindo da campanha especialmente com esse fim. Entrando na sala da audiencia, o guapo campeiro perguntou:

— Onde está o imperador ?

Dom Pedro respondeu :

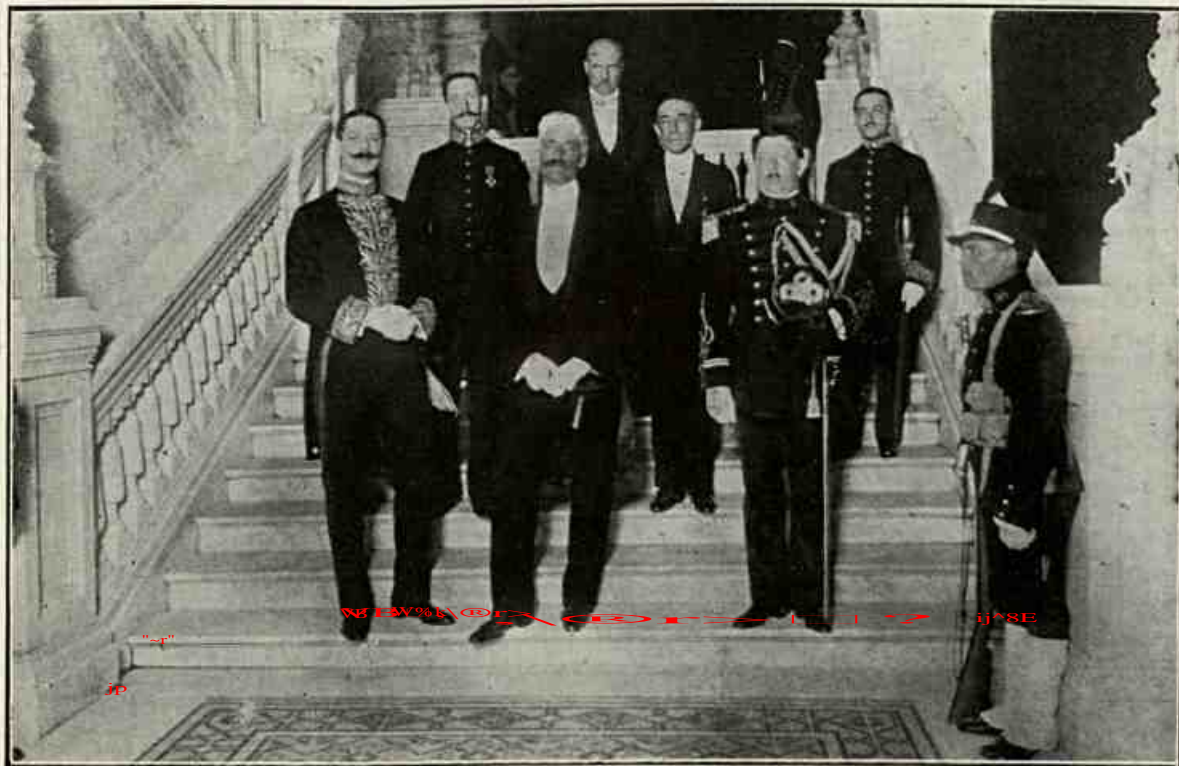
— Eil-o : sou eu !

O campeiro dilatou os olhos e, desanimado, disse :

— Ora bolas ! Pensei que fosse um homem de ouro !

# FRANÇA

*A casa do Presidente Poincaré, em Sampigny, bombardeada pelos allemães.*

# Diplomacia

*O Embaixador de Portugal, Dr. Duarte Leite, sahindo do Palacio do Governo entre o ministro Guerra Duval e o Tenente Eiras.*

## SUPERSTIÇÕES

O brasileiro é excessivamente supersticioso, toda a gente o sabe.

Raro é o que não respeita alguma dessas tolas convenções a que nos habituam desde pequenos.

A fatalidade do numero 13 é uma das mais espalhadas. Se por acaso se juntam a uma mesa 13 pessoas, dizem, a mais velha ou a mais moça morre durante o anno.

Facas postas em cruz, denotam morte proxima.

Se entra em casa uma dessas borboletas nocturnas, de côres escuras, ha logo um alarido. Algum parente proximo vae morrer.

No governo passado, se o Dúdú passava por uma rua, era signal certo de desgraça na zona, pois que o Dúdú tinha *urucubaca* para os outros, que para si, não, muito antes pelo contrario.

Pelo mundo todo ha dessas crenças absurdas, algumas aliás bem curiosas.

Cortar o cabello em dia de lua nova faz com que elle cresça com dobrada força.

Ver a lua por sobre o hombro esquerdo é signal certo de alguma infelicidade.

Usar palitos fabricados com madeira de uma arvore sobre a qual haja cahido um raio, preserva de dôres de dentes.

Quando uma estrella cáe, alguem está morrendo.

Quando entra em casa um passaro, pela janella, morte proxima de alguns dos que nessa casa habitam.

Quebrar um copo, *urucubaca* por sete annos.

Se o lenço nos cáe da mão, signal certo de visita.

Trazer uma batata no bolso do collete, preserva de dores de dentes.

Trazer uma castanha no bolso das calças, preserva do rheumatismo.

Se ao deitar-se um asthmatico, ao tirar as botinas põe o bico de uma dentro do cano da outra, passará a noite bem, sem accessos.

Ter em casa pennas de pavão, traz desgraça.

Mas para que citar mais? Toda gente está farta de ouvir a todo pretexto e mesmo sem pretexto algum centenas de absurdos conselhos a proposito dos mais insignificantes actos da vida. E assim vae o mundo...

Lord Byron, cuja egolatria nem o facto de morrer pela liberdade dos gregos conseguiu disfarçar, envaidecia-se extremamente de seu talento, de sua nobreza, até de seus vicios. Mas de duas cousas tinha extremo orgulho: Da sua habilidade na equitação e da pequenez de suas mãos.

## *Sylvae amor*

Vou pelas vastidões deserticas e adustas
Do sertão brasileiro a ruminar chimeras...
Impelle-me a paixão das solidões augustas
Onde o Sol illumina extranhas primaveras.

Atravesso a floresta esplendida e encantada,
Viride como o dorso ondeante das serpentes,
Vicejante mulher de fórmas envolventes
Que por labio nenhum foi inda profanada...

Atravesso-a a sorrir, de surpresa em surpresa,
Como quem, ao beijar o corpo nu da amante,
Descobre em cada curva uma nova belleza
E novas seducções de instante para instante...

Percorro-a como um deus — ouvindo-lhe o murmurio
E a Vida lhe infundindo em cada tronco annoso,
Saudando da palmeira o estipe e o leque airoso,
Beijando em cada orchidea o calice purpureo.

O' selva tropical, minha amante venusta,
Dissolva-se o meu ser na essencia da tua Vida!
Quem sabe si no fim de uma floresta augusta
Eu não encontrarei Brunhilde adormecida?...

Um dia hei de te amar sem medo e, sem receio,
Diluir-me-hei dentro em ti, Nirvana tropical!
Quero, quando eu morrer, descansar no teu seio
E integrar-me, por ti, na Vida universal.

Que tristeza dormir ao marmore das lousas,
No ermo de um Campo Santo, á sombra de um cypreste!
Não! Eu quero aspirar o perfume sylvestre
E, inda depois de morto, amar a alma das cousas...

Porque temer a Morte, a ideal metamorphose
Cheia de seducções, effluvios e amavios?
Nós devemos gozar da Morte a apotheose
Longe da gelidez dos marmores sombrios.

Não! Não quero dormir numa capella mystica,
Na morna solidão de estatuas e de altares.
Dormirei na floresta, e, á noite, á luz dos luares,
Faremos, eu e Pan, a festa pantheistica...

E emquanto o Sol mandar o seu calor á Terra,
Amando e fecundando a selva luxuriante,
Ha de pela floresta andar meu ser errante
Gozando sem cessar a vida que ella encerra.

O' selva tropical, ó minha amante amada,
Guarda só para nós nosso leito d'alfombra...
Espera-me, eu irei repousar á tua sombra.
Guarda-me o teu amor, Vestal immaculada.

Eu te serei fiel. Do Campo Santo odeio
A tristeza sem fim, dramatica e fatal.
Quero, quando eu morrer, descansar no teu seio
E integrar-me, por ti, na Vida universal...

**Antonio Torres**

## *Um desastre*

— Já sei, já sei. A sua carroça esmagou o craneo do transeunte. Muito bem. Você vae para o xadrez e alem disso tem que pagar os curativos na victima.

# *Ballada para um crepusculo gothico*

**Para Oscar Lopes**

Castellos, porphiros e plinthos,
sombras na estrada a recordar...
rosas mortas, canaes extinctos,
vélas perdidas no alto-mar,
neve a tombar, lobos famintos
e uma saudade secular
exsurgem nevoentos e exoticos
da agoaréla do teu olhar.

Bronzes, marfins e porcelanas,
pampanos de ouro abertos no ar,
punhaes mediévos, durindanas,
élmos e plumas a porfiar,
torneios vãos, landes, savanas,
bôccas vadias a cantar
eu vejo como em vitraes gothicos
na agoaréla do teu olhar.

Claveharpas, orgãos e violinos,
choupos, outonos a evocar
abandonos, divinos sinos
no alto das torres a noivar,
velhos perfumes, peregrinos
a caminhar, a emocionar,
sinto na bruma gláuca e tremula
da agoaréla do teu olhar.

**De mãos postas...**

Mas ai ! si deixo os olhos humidos
sobre os teus olhos demorar,
acenam mãos com lenços pallidos
na agoaréla do teu olhar....

**Ronald de Carvalho**

*A revelação da vida pelo amor : — hora sagrada... Dantes, no mysterio das religiões pantheistas, era esse o minuto sagrado que abria o culto. A inspiração divina brotava do coração no seu primeiro ésto : no principio fôra o amor... Morreram os mythos, exgotou-se a poesia dos ritos sagrados, passaram as allegorias pagãs ; mas, o sentido intimo das legendas resistiu, esclareceu-se, ampliou-se.*

*Hora de amor, — hora de seda e ouro ou de sangue e lagrimas, — hora suprema ! No beijo que aflora dos lábios póde esconder-se o ciume, póde a raiva assassina surgir da furia amorosa dos amplexos, embora ! serás eternamente na tua poesia ephemera a doirada synthese dos millenios fecundos...*

*Que valeria o tempo sem o teu advento ? E's o instante animado, e quando soas nos lábios unidos dos amantes extáticos o universo inteiro estremece...*

# ZONETO

Qui djá estuve n'Italia, in Napole, in Milano
E a visto di San Marco a piatza e os Lampió
E ha gomido os inochi cuo queixo parmeçano,
Qui é a gomida do monde a mais mió de bó

Qui a conocido o Papa, o Marquis San Giuliano
Quello que feis cu o turco bruta espinafraçó,
Diz —: O pessoale cotuba é mismo o intaliano
Qui inda ha de liguidá toda a gonflagaçó.

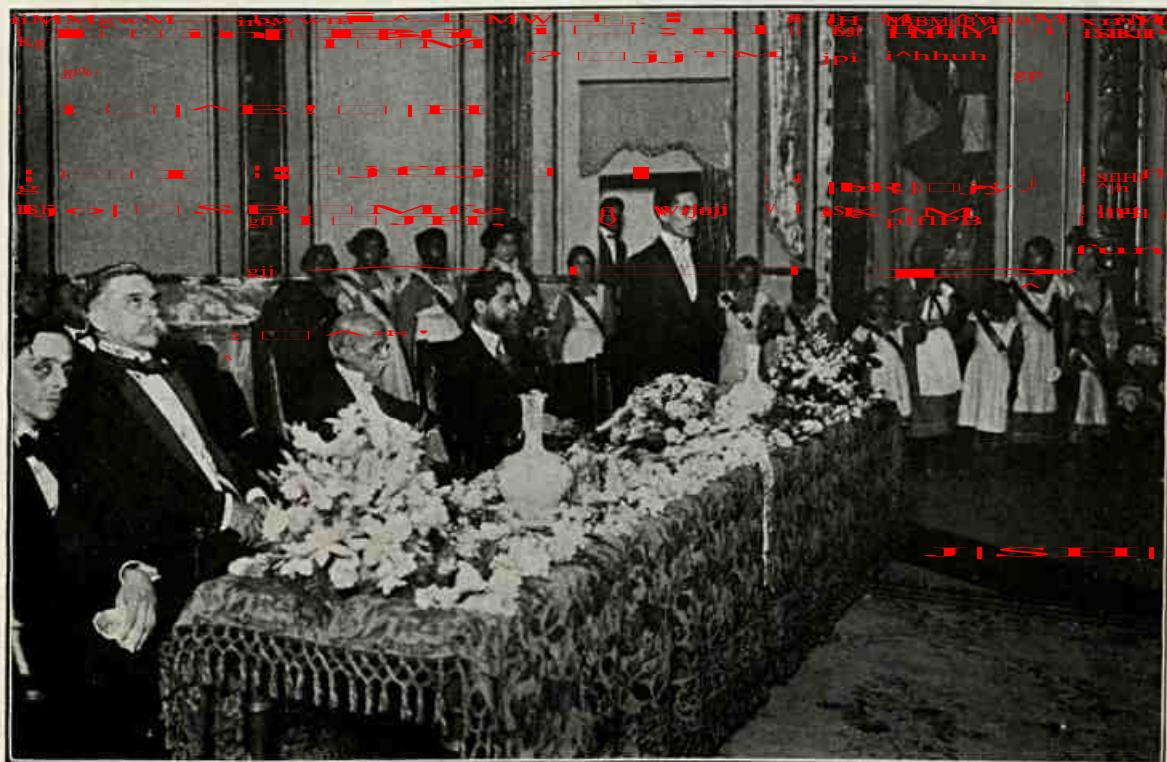
A Italia té qui intrá no damnado gonflicto
E apanha a Austra, a Turguia e o páo vá té o Igitô
Vomo depois a ve que va no arrastó.

O mundo que se arranche, o mundo que se lixe
Si a Italia faz do Chico d'Austria um sandwich
E vira duma veis o chopp do Allemó.

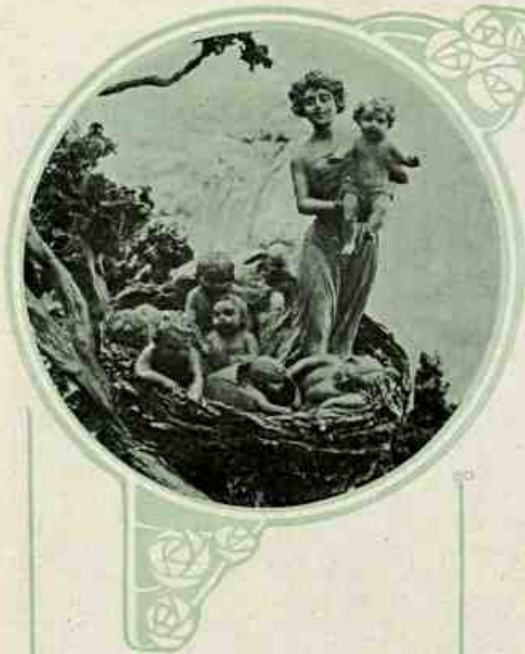
Baschoale Segretto

## Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes

Solenne collação de gráo dos bachareis de 1914

# Theatre Municipal



*Ruy Barbosa presidindo a sessão solenne em honra ao deputado Irineu Machado*

*Aspecto do recinto durante a sessão*

# A morte de Sócrates

(PLATÃO-Phédon)

*No catre escuro da prisão severa,*
*Predicando aos discipulos, sereno,*
*De alma impassivel, Sócrates espera*
*Os eternos effeitos do veneno.*

*A Apollodoro, a quem a magua altera,*
*Tranquillisa ; e a Criton, no ultimo aceno :*
*— "Paga um gallo a Esculapio..." E, algida, impera,*
*Placida, a morte, no seu rosto helleno.*

*Tinha passado os ultimos escolhos :*
*A alma voara, feliz, pelo seu labio,*
*Pondo o póllen das azas nos seus olhos.*

*— Que elle sentira, nesse instante augusto,*
*A ventura tranquilla de ser sabio*
*E a volupia divina de ser justo !*

**Humberto de Campos**

*Tecido levemente de plumulas e fibrilhas e pendente de um galho vetusto sobre o espaço luminoso, entre o azul ceruleo e o tapiz esmeraldico dos campos, que symbolo haverá mais bello que esse ? Eis a vida. A esperança é o ramo verde que offerece á caricia das auras o ninho tepido : vive nelle o sonho. Entre o passado e o futuro, na arvore eterna da vida, balança docemente a harmoniosa estancia. Amanhã será a lucta, a victoria ou a derrota ; mas, nos triumphos ou nos revézes, cantará sempre a esperança e sempre, consolando e fortalecendo, fulgirá o amor... Na frescura das folhagens luxuriantes, o ninho será sempre a ventura suprema e a maxima promessa... promessa de conquistas, de largos vôos, de rutilas aspirações, ventura de imaginar tudo isso...*

* * * A aureola de genio que augmentava o resplendor de santidade posto pela thiara em torno da cabeça gloriosa de Leão XIII não nimba a fronte serena do antigo discipulo de Rampolla, erguido pelo voto illuminado dos cardeaes á sacra dignidade de successor de Pio X.

Para commemorar, neste ensanguentado anno christão de 1914, o nascimento modesto de Jesus, o mais alto dos seus egregios ministros terrenos levantou as mãos abençoadas sobre os revoltos campos de batalha e quiz suspender o morticinio, estabelecendo o armisticio do Natal.

O gesto magnanimo do Santo Padre esclarecido pelas grandes luzes do Espirito-Santo foi um acto de irreflectida inhabilidade. A sua nobre proposta passou pela superficie conflagrada do mundo em armas como uma mensagem oriunda do absurdo.

Na guerra actual, a maior e a mais vasta de quantas, em seus bojudos archivos sanguinosos, a historia universal registra, empenham-se povos de todas as regiões e de todos os credos e raças, combatendo no convulso solo de todos os continentes.

Nas fileiras alliadas, na França e na Belgica, como nas Polonias, na Austria como na Servia, nos dominios da Asia e nas possessões da Africa, unem-se os crentes de Allah, os fieis de Bhuda e os filhos de Christo, — crentes de todas as seitas mahometanas, fieis de todos os ramos do budhismo, filhos de todas as doutrinas christãs e, lado a lado, fraternalmente pelejam contra as forças colligadas da Allemanha, da Turquia e da Austria.

Pedir aos crentes de Allah e aos fieis de Bhuda que suspendessem as hostilidades em homenagem ao Deus rival — seria, estabelecendo a superioridade deste sobre os outros Deuses, estabelecer a discordia religiosa no vasto acampamento alliado.

Os generaes e os estadistas não attenderam ao pedido generoso do Papa. Os exercitos belligerantes vão ter um Natal de passageiro do *Satellite*.

No Parlamento Allemão houve um unico voto contra os creditos pedidos para o custeio da guerra: foi o do chefe do Partido Socialista.

---

## As festas do carteiro

— Que achas que devemos dar de festas ao *carteiro* ?
— Um guarda chuva, por exemplo.
— Não seria melhor uma *carteira* ?
— Isso não, patrôa. Elle já é casado.

*A velha igreja aldeã, sorrisada, outrora, pelas rumorosas festas do bom tempo extincto, jaz esquecida dos homens, jaz abandonada aos fieis, deserta de crentes e vasia de incenso...*

*Jaz abandonada a velha egreja aldeã! Que te importa?*

*A crença brilha na tua alma e a fé illumina os teus passos. Vae! Segue, linda pastora virginal! O luminoso espirito divino será comtigo no silencio aldeão da velha egreja, por que não ha templo sem Deus onde ha um coração que acredita e réza.*

*Aos teus castos seios purificados pelo aroma sadio dos campos, aconchega o cordeiro mais tenro e vae, na madrugada christã do Natal, povoar com a tua alma e aclarar com a tua crença a velha egreja olvidada.*

*Vae! A fé opéra milagres!*

*Aos teus olhos, baixando, aladas, do céo tranquillo, ao indeciso crepusculo matutino, as theorias das santas e dos anjos, pairando entre as nuvens e as crespas frondes boscarejas, lançarão sobre a terra as bençãos do alto, emquanto, em silentes filas, os netos dos antigos crentes retomarão o caminho da egreja antiga.*

## MENORIDADE

O caso tragico de Serajevo livrou o imperio austro-hungaro de um atrabiliario herdeiro que se incompatibilisava diariamente com o imperador a quem devia substituir.

Interessante, porém, é ver como esse Imperador cujos principios contrariavam as tendencias do seu legatario, seguio-as logo que o vio morto e, por tel-as seguido, desencadeou a pavorosa guerra européa.

Nos termos em que o mundo germanico actualmente colloca os acontecimentos, o mais remoto causador da conflagração foi o estudante que, na cidade conquistada de Serajevo, matou o archi-duque d'Austria e a sua esposa.

Contra essa cabeça ardente de joven slavo rebelde cahiram as leis austriacas que, por isso, a salvaram, pois os menores, em face d'ella, não são condemnaveis á morte.

Por ser menor, não pode ser morto o homem cujo heroico gesto provocou as hecatombes em que se exhaure a Europa.

**Domingos Ayres**

## Serajevo

*O assassino do Arquiduque herdeiro d'Austria sendo de menor idade, não poude ser condemnado á morte.*

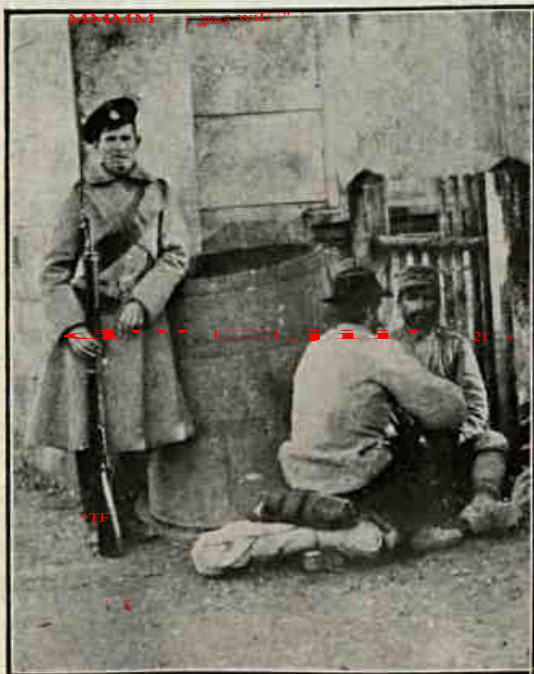
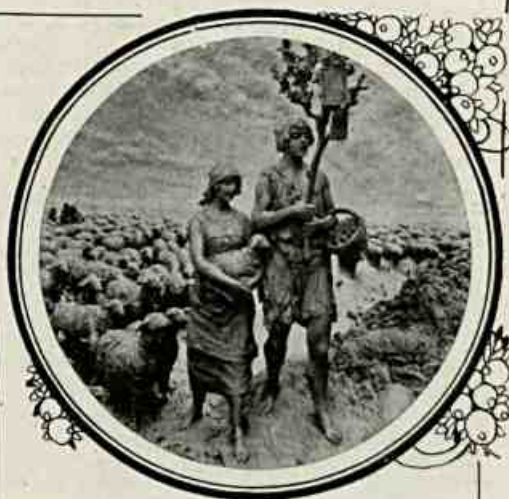
# DESTINOS

Desde 1870, anno fatal para a França e glorioso para a Prussia, modestamente servia na Santa Casa de Misericordia da capital brasileira, prestando serviços incomparaveis na secção de pharmacia, uma irmã do estadista Combes.

Que desigual destino tiveram esses dois irmãos!

Ella, mocinha ainda, tomando o habito de irmã religiosa, transportada pela fé ou varrida por alguma desgraça cujo segredo levou para a morte, abandonou o paiz natal e veio cuidar de enfermos num paiz exotico. Elle, consagrando-se á politica, attingio á presidencia do Conselho de França e coube-lhe, como ministro, a tarefa triste de expulsar as communidades catholicas do seu paiz.

A irmã de Combes, a piedosa pharmaceutica da Santa Casa, morreu no dia 21 do corrente e jaz no Cemiterio de S. Francisco Xavier emquanto o estadista, ao serviço da patria, applica a sua sciencia de medico aos padres feridos na guerra.

## A GUERRA

*Sentinella russa e prisioneiros austriacos*

*Em certas regiões, a vida poetica dos pastores, na sua agreste simpleza, tem a ampla grandiosidade dos quadros que se moviam nos scenarios biblicos.*

*Secretas affinidades estabelecem harmonias intimas entre a alma ingenua do pastor e o instincto pacifico das ovelhas. O balido destas repercute no coração daquelle como uma voz fraternal que a sua experiencia traduz. O cadente canto humano chega aos ouvidos do animal como um annuncio de superior protecção.*

*A's vezes, aos crepusculos, descendo pelas collinas ou ondulando pelos valles como espumas branquejando á flor de vagas harmoniosas, os rebanhos seguem os casaes que lhes desbravam o rumo derramando na tarde os seus campesinos cantares, emquanto nas suas mãos o versudo cajado parece florir, espalmando-se em folhas em que desabotoam fructos.*

*Nas cidades, nem sempre é assim. Os pastores, não raro, desconhecem os rebanhos, que nelles não confiam, e o caminho apontado pelo inseguro cajado muitas vezes conduz aos sitios por onde vagam os lobos...*

A primeira *celebridade* européa que, pertencendo ás classes civis, morreu num campo de batalha, na actual guerra, foi um *allemão*, o famoso *Bedecker*, que foi victimado na *Belgica*, dias depois da tomada de *Liege*, dias antes da carnificina de *Charleroy*.

As *celebridades* de França, desde o velho *Anatole France*, que, no Estado Maior do generalissimo *Joffre*, redige os laconicos communicados officiaes, ao moço *Max Linder*, que exerce o sonóro posto de *chauffeur* na séde ambulante do governo francez, correram ás secretarias de *voluntarios*, requerendo o direito de servir á Patria.

*Edmond Rostand*, é amanuense do *Ministerio da Guerra* e a sua gloriosa interprete, *Sara Bernhardt*, é enfermeira no Hospital de *Arcachon*. O intimerato espadachim *Guy de Cassagnac*, director de jornal e partidario da *revanche*, morreu no sólo dessa adorada *Alsacia* cuja reconquista era um dos seus bellos sonhos de patriota.

No hospital de *Trouville*, a illustre artista *Rejane* presta os seus serviços e presta-os no de *Biarritz* o illustre actor *Bartet*.

Fizeram a campanha do *Norte da França* e pelejam no exercito que reconquista o territorio belga os tenores *Lassalle* e *Frandz*, da *Grande Opera*.

*Furcy*, o cantor de *Montmartre*, e tambem *Huguenet*, bem como *Polin*, servem nas ambulancias.

No campo da batalha, combatendo com bravura, pereceu o actor *Raynal*, da companhia da *Comedie*.

*Brasseur* administra um hopital e o director da *Opera Comica*, o conhecido *Albert Carré* está em *Besançon*, serve addido ao Estado Maior e tem o posto de *coronel* emquanto *Tarride* exercita as funcções de *guarda-vias*.

Os artistas *Mounet Soully* e *Berr*, *Lambert* e *Silvain*, todos da *Comedie*, não podendo pegar em armas por motivos de idade, desempenham os cargos de enfermeiros em diversos hospitaes.

Nas mãos dos allemães caio um actor do *Grand Guignol*, e continúa prisioneiro : *Turc*.

Está em *Paris* e acompanha como *ordenança* o general *Gallieni*, governador da praça, *Gheusi*, um dos directores da *Opera Comica*.

Pedala como *cyclista* militar Santiago *Ferauly* e é um excellente padeiro de regimento o illustre *Signoret*.

No exercito, como *cyclistas*, prestam bons serviços *Beyle* e seu collega *Clement*, os dois da Opera Comica.

---

Mario de Lima, o insigne poeta que tanto honra a Academia Mineira, publicou um interessante estudo philosophico-juridico-social sobre *A escola leiga e a liberdade de consciencia*.

---

## Uma alma caridosa

— O quê!?... Pois o senhor não tem vergonha? Pedir-me, sem mais nem menos 50$000?...
— Mas é para uma obra de caridade. E' para um cadaver meu que quer se matar.

# A Alma dos Deuses

( Em memoria de Epicuro )

I

Ha lembranças de Deuses essa extensa
alameda de olmeiros perfumando.
E dirias da brenha escura e densa
olhares máos de faunos te espreitando.

Olha esta aléa que nos cobre : Pensa
na divina bucolica, no bando
das loiras nymphas que, antes mesmo as vença
o fauno, vão ao fauno se entregando...

Os rumores das folhas e das fontes,
no caminho por onde ha pouco vieste,
são os mesmos que os Deuses entenderam.

E ainda, por todo o valle e pelos montes,
erra, vibrante, nesse aroma agreste,
a alma heroica dos Deuses que morreram.

II

Celebremos, Excelsa ! a nossa festa
de amor á magica alma protectora
dos Deuses que, inda agora, vivem nesta
deuza em communhão consoladora.

Verás, aos nossos beijos, a floresta
alvoroçada, como não o fôra
desde que vira a derradeira festa
do velho Pan de gloria immorredoura.

Sentes ? Na voz das folhas e das fontes
revive aquelle antigo incitamento
á suprema loucura dos sentidos...

E, ao nosso amor, verás o valle e os montes
transportados de egual deslumbramento,
como si os Deuses fossem resurgidos....

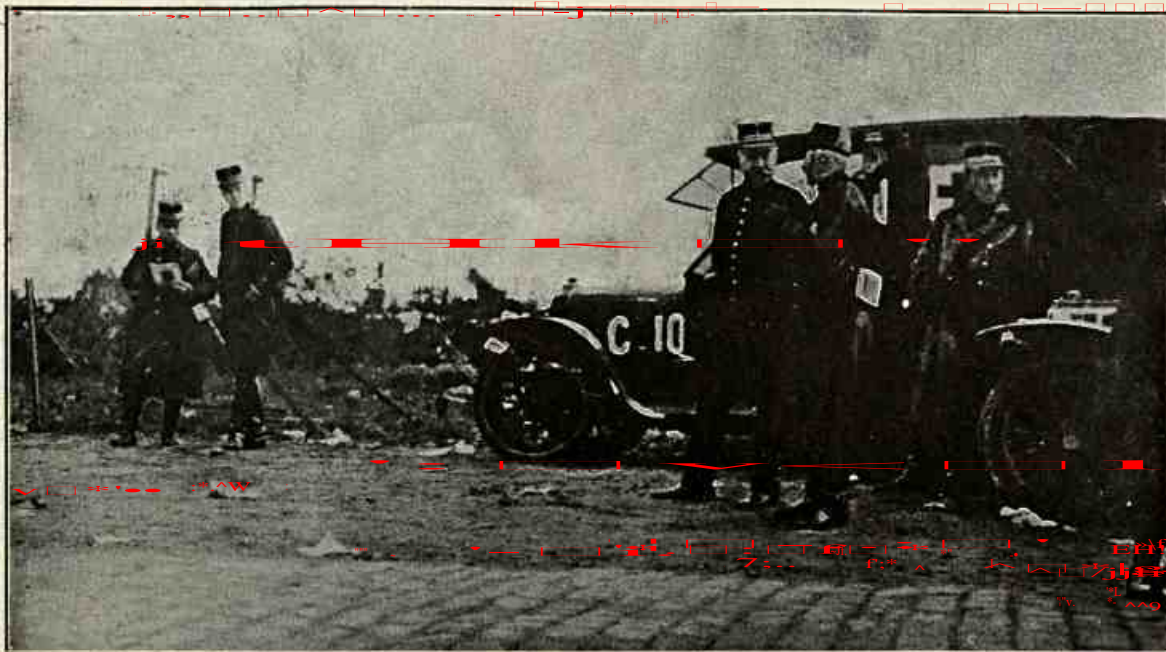
**Lindolfo Collor**

*Paz á terra ! Que as remiges da aguia abrandem o revôo da rolda sanguinaria ! que embrandeça em caricias á presa a garra do tigre ! que se torne vello aquecedor a juba triumphal dos grandes leões do deserto !*

*Paz á terra ! Que o roble ampare carinhoso á sua sombra o arbusto e a herva rasteira ! que os troncos se entrelacem amigos e as folhagens partilhem o orvalho ! que flôres e ninhos se confundam na mesma grandiosa harmonia !*

*Paz á terra ! Que o verme comprehenda a estrella ! que em cada onda amansada brinque e se embeba a luz do firmamento ! que a nuvem seja a namorada intangivel das féras espiritualisadas !*

*Paz á terra, que o homem, esse...continuará a matar, a matar, a matar, — resumo de todas as ferezas primitivas, herdeiro de todas as forças inferiores, creador genial de ruinarias...*

# BELGICA

*O rei Alberto nas linhas de Nieuport*

# Papá Noel

Em casa do Rato havia sempre, pelo Natal, uma grande ceia á meia noite. Naquelle anno alli estavam os camaradas todos: o Préa, a Paca, o Castor, a Lebre, a Anta, o Esquillo, o Porco da India, emfim toda a familia dos roedores.

A ceia havia sido de uma cerimonia maior que nos outros annos. O Rato trouxera para a sua meza um conviva novo. Era o Cachorro, velho inimigo da raça dos roedores, mas que, por um tratado feito com todas as regras dos tratados de alliança, havia entrado em bôa paz com os Ratos.

O Cachorro era uma figura que, n'aquelle tempo, honrava uma ceia. Bravo como poucas creaturas, a sua bravura chegava a temeridade de querer medir-se com a ferocidade horrivel do Lobo, do Tigre ou do Urso. Contava-se que mais uma vez se botara para cima de uma Panthera e de outra feita não recuara deante das presas de uma Hyena.

Dizia-se até que o Leão, rei poderoso e supremo, lá no intimo respeitava a bravura incrivel do Cachorro.

O Rato andava muito ancho d'aquella amizade.

No Reino dos Bichos todo o mundo que conquistava as simpathias do Cachorro vivia a gabar-se dellas. O Cachorro era tido como um cavalheiro lealissimo que sacrificava até ao ultimo dente em defeza dos seus amigos.

Durante a ceia não se falou noutra coisa senão nos presentes de Natal. O Préa confessou que havia comprado para os seus pequenos uma fortuna de brinquedos, o Esquillo affirmava que, dessa despeza, se livrara, porque a sua menina que já estava ficando moça havia já despresado as bonecas e os brincos infantis, preoccupando-se agora em ver os moços bonitos que rondavam a floresta onde ficava a sua chacara.

E a palestra travou-se animada, effervecente ao estoirar do *champagne* que, de vez em quando, soprava uma rolha para o tecto.

— Quanto a mim, disse o Cachorro, não tenho a felicidade do compadre Esquillo, que tem já a sua pequena crescida. A minha filhinha está pequena ainda, mal começa a falar. E exige-me brinquedos. Tenho que os comprar. Ha mais de uma semana que não fala noutra coisa senão no Papá Noel. Hoje quando saí de casa deixei-a a dormir. Já o seu sapatinho estava na janella. Ella espera que o papá Noel lhe encha o sapato de brinquedos.

— Adoraveis as crianças! disse o Rato, para ser agradavel.

— Encantadoras! exclamou o Cachorro. A' minha pequena vou este anno fazer uma surpreza. Amanhã de manhã quando ella acordar irá ter um dos momentos mais felizes de sua vida. Comprei-lhe um presente que é um encanto. Ao chegar em casa vou collocar o presente no sapatinho. Amanhã pela manhã o papá Noel levará a fama...

Nesse momento a Ratinha, a filha unica do Rato, trazida pela governante chegou-se aos convivas para se despedir. Ia para a cama. Era chegada a hora de dormir. Todos os bichos lhe deram um beijinho na testa.

— Seja feliz, disse o Cachorro. Que o papá Noel lhe ponha no sapatinho um brinquedo bonito.

A pequena fez um muchocho.

— Papá Noel não gosta de mim.

— Não gosta, porque? perguntaram os bichos.

A Ratinha era tagarella e viva.

— Não sei. No anno passado colloquei o meu sapato no peitoril da janella e quando foi de manhã

não encontrei brinquedo nenhum. Papá Noel não se lembrou de mim.

Os bichos fitaram o Rato, com um ar de reprovação.

Pois o compadre Rato havia permittido que o papá Noel se esquecesse da menina.

O pae da pequena sorriu.

— Creancice della!

E voltando-se para filha:

— Vae dormir, meu bem. Papá Noel este anno se lembrará de ti. Põe o teu sapato á janella.

A Ratinha foi dormir.

Terminada a ceia todos os convivas se retiraram.

II

O Rato, desde pequenino que se mostrara refinadamente larapio.

Na escola furtava canetas e pennas dos companheiros; mais tarde, como negociante, mostrara-se tão affoito em tirar o alheio, que em pouco fechava o seu armarinho, por falta de freguezia.

Era uma doença aquillo. Se pedia phosphoros a um amigo para accender o cigarro mettia os phosphoros no bolso, se entrava n'alguma loja para comprar uma gravata, surrupiava pelo menos um papel de alfinetes.

Naquella noite, ao deitar-se, lembrou-se que não havia comprado um brinquedinho siquer para o papá Noel depositar no sapatinho da filha. Não ficava bem a pequena ser lograda n'aquelle anno como no anno que se fôra.

E pela sua cabeça passaram as palavras do Cachorro: — comprei um magnifico presente para a minha menina.

E o Rato deu um pulo da cama.

A esposa segurou-o pelo braço:

— Onde vaes?

— Vou á rua, volto já.

E saiu.

A casa do Cachorro ficava nas visinhanças.

O Rato entrou pelo primeiro buraquinho que encontrara. A casa estava silenciosa, já todo o mundo dormia.

No quarto da Cachorrinha, no peitoril da janella, la estava o sapatinho. Era um borzeguim de pellica, cano alto, fivella e laços.

O Rato segurou-o com os dentes. Irra que estava pesado! Devia ser um brinquedo de truz!

E devagarinho, devagarinho carregou o sapato para a sua casa, collocando-o á janella da filha.

III

No outro dia quando a Ratinha acordou o seu primeiro gesto foi correr á janella. Papá Noel se havia lembrado della? E teve um espanto nos olhos ao ver o seu sapatinho substituido por outro sapato.

Fôra papá Noel! fôra papá Noel!

E agarrou o sapato trazendo-o para a cama.

Mergulhou a mão no cano de pellica. Um grito saltou-lhe da bocca. E de dentro do sapato pulou um gatinho, de olhos arregalados, unhas aguçadas.

Tudo se passou num segundo.

Era o presente que o Cachorro havia arranjado para a sua filha. Para a Cachorrinha era um brinquedo de truz, para a Ratinha a morte.

Dizem que o Rato, diante do cadaver da filhinha, jurou nunca mais tocar no alheio. Diz o conto que chegou a cumprir a sua promessa por uns dias. Voltou depois ao que era. Quem nasce torto, torto morre.

**Viriato Corrêa**

# EPYSODIO

*Batalha de Aldershot, em 15 de Agosto. Os tres soldados que sobreviveram á guarnição manejam o unico canhão em bom estado que resta á bateria ingleza "L"*

*E' ainda hoje um sonho, o sonho que já sublima as pequeninas pupillas do deus pequenino...*

*A fronte, tem-na ainda envolta no halo maternal de Maria; mas dos olhos começa a irradiar o fulgor da grande chimera...*

*Sonho entre sonhos...*

*Este, augmentou as dores dos homens; este, tornou maior a consciencia da miséria; este, ao envés de encantar, desencantou...*

*Foi um relampago abrindo na tréva das resignações humildes á força, á oppressão e ao excidio a perspectiva da bondade e da paz. O relampago passou...*

*Ah! se não sonhássemos a perfeição! Outrora, quando o sangue corria a rodo, os homens sem alma abençoavam a sementeira rubra. Depois, formou-se a divina utopia e quanto soffremos agora á certeza de não passar de uma utopia, de um sonho entre sonhos...*

# CHRONICA DO NATAL

( Redigida para creanças )

Havia uma nação que era muito poderosa, orgulhosa e feliz. Seus campos eram ferteis e tudo produziam com abundancia. Seus exercitos venciam as guerras. Tinha reis fortes, juizes sabios e grandes poetas. Assim foi por muitos annos; mas depois as cousas se mudaram. A nação não tinha mais reis poderosos. Os seus juizes não eram respeitados. Os seus exercitos foram derrotados nas batalhas e os povos visinhos conquistaram o paiz e tomaram todas as suas terras. Dos antigos poetas só ficaram alguns que compunham cantos de lamentação. O povo foi humilhado e reduzido ao cativeiro, e o que mais o amargava, na sua tristeza, era a memoria da grandeza passada.

Mas em tantos annos de infelicidade e humilhações, havia uma cousa que livrava aquelle povo do desespero; no seu coração vivia uma esperança. Esta esperança era a crença numa profecia que tinha sido feita por um dos grandes poetas do passado. Dizia a profecia que a nação veria um dia nascer o seu libertador, um novo rei mais forte e poderoso do que os antigos, que havia de derrotar os inimigos, libertar o povo e reviver os dias esplendidos da passada gloria. Esta era a esperança que todo o povo, ricos e pobres, grandes e pequenos, alimentava no coração e transmittia de pais a filhos, por muitos annos, aguardando sempre o dia em que ella havia de se realisar.

Viviam em uma pequena cidade desta nação um homem e uma mulher chamados José e Maria. Aconteceu uma vez que elles tiveram de fazer uma pequena viagem á cidade visinha pórem os seus nomes na lista do recenseamento e pagarem o imposto; porque era este o costume do paiz. Mas como elles tinha ido muita gente mais para o mesmo fim. A cidade, que era pequena, ficou cheia de forasteiros. Não havia mais logar na estalagem. Afinal o estalajadeiro permittiu que José e Maria fossem dormir no estabulo das vacas. E elles lá foram passar a noite.

Alta noite Maria deu á luz uma creança, Como não havia berço onde deital-a, a mãi apanhou o capim que havia pelo chão, poz na mangedoura onde as vacas tinham comido, fez uma caminha e nelle deitou o seu filho, enrolado no manto velho que levara.

Na mesma noite, nas montanhas fóra da cidade, estavam os pastores guardando os seus rebanhos. Cançados de cuidar das suas ovelhas, deitaram-se de costas, conversando, a olharem as estrellas. Então appareceu-lhes um anjo do Senhor, entre um resplendor de luzes, e os pastores cobriram o rosto, assustados. Mas o anjo lhes disse: «Não temam! Eu lhes trago uma noticia de grande alegria para todo o povo. Hoje nasceu, na cidade de David, o salvador, que é o Christo nosso senhor. Vão e o encontrarão envolto em farrapos, em uma mangedoura». E então appareceram outros anjos cantando: «Gloria a Deus nos altares, e paz na terra aos homens!»

Quando os anjos desappareceram, os pastores se dirigiram para Belem, onde encontraram Maria, José e o menino Jesus deitado na mangedoura. Elles viram que os anjos tinham dito verdade, ajoelharam-se e o adoraram.

Essa nação que se chamava Israel era a imagem de todas as nações futuras.

E foi assim que nasceu o grande salvador esperado.

X.

# REPROBOS

*Sós, os dois. Em redor a natureza...*
*As montanhas... O mar... Os céos sagrados.*
*Os amplos céos de esplendida belleza,*
*Sobre o mar, sobre os montes debruçados...*

*E nós dois, sós e tristes, na certeza*
*Da nossa condição de condemnados,*
*Eramos deante da immortal grandeza*
*Dois humilimos seres desgraçados.*

*Mas — ó milagre das metamorphoses —*
*Daquellas mudas vastidões em meio*
*Ao enlaçarmos, tremulos, os braços,*

*Em represalia ás maldições atrozes,*
*Sentiamos os dois dentro do seio*
*A mesma immensidade dos espaços!*

OSCAR LOPES

*Sino sonôro d'alegria, harmoniosa bocca de bronze, suspensa, a badalar, entre os verdes gallios ornados de flores e fructos, — atira aos ares as tuas commovedoras vibrações metalicas, dissolve na limpidez dos espaços, por entre as galas floraes da primavera, os teus festivos repiques nupciaes.*

*Primavera da natureza, arrebentando em flores o solo; primavera da carne, a cantar no sangue incendido de amôr; primavera da alma, a voar, a voar com duneas azas resplandecentes por entre esperanças e illusões, para as bandas seductoras do sonho, além das quaes os destinos, para não desencorajar os que que se iniciam na vida, escondem as desesperanças e as desillusões.*

*Na clara manhã esponsalicia, a impulsos da juventude, como a voz grave e alegre da terra enflorada, espalha no ambiente luminoso, velho sino sonoro, os teus prolongados repiques, espalha-os hoje, na hora inicial da mocidade e do amôr, como has de espalhar mais tarde, no momento derradeiro da velhice, ao voar das outoniças folhas tombadas sobre as covas, os merencoreos dobres a finados...*

# A LEGENDA DO MARQUEZ

Sebastião José de Carvalho, o grande estadista lusitano a cuja admiravel previsão os sanguinosos acontecimentos da Revolução Franceza, e a lucta da Inglaterra de Jorge IV contra a França de Napoleão I não escaparam, revive dentro de uma aureola de legenda esmaltada de anedoctas mais ou menos verdadeiras. Eis uma, das mais conhecidas:

Querendo casar um filho com uma linda moça da familia Jardim, o famoso Marquez de Pombal, que então governava o rei Dom José I, mandou um nobre emissario fazer ao chefe d'aquella familia a proposta casamenteira com que o distinguia.

O homem respondeu com ironia:

— Não quero um *carvalho* no meu *jardim*.

Informado dessa resposta, o poderoso Marquez, carregando a physionomia, exclamou:

— Não n'o quer no jardim? Hade tel-o nas costas.

## Na Belgica

*Depois da carga de cavallaria ás trincheiras de Nieuport, a Cruz Vermelha soccorreu os feridos*

# Um beijo a Reuter

Julieta, uma pequena deliciosa
— A delicia dos seus paes e dos estranhos ! —
Gosta tanto de Reuter nos seus banhos
Que se Reuter não tem fica chorosa !
Quando entra na aromatica piscina
De perfumosa lympha quasi plena,
Apesar de tão nova e tão pequena,
De Alegria seu rosto se illumina !

Alguem notando a placida doçura
Desse rosto tão alvo e tão cheiroso,
Alisando-lhe o manto setinoso
Dos cabellos de ondeante formosura,
Disse-lhe : — Acertei com teu desejo,
Trazendo-te, meu anjo, este presente...
— Sabão Reuter ? — pergunta e bem contente
Imprimo no sabão um longo beijo !

— Não ha nada ; bonbons, joias, brinquedos
Que valha para mim como este encanto ;
Seu perfume deleita, gosto tanto,
Que me esqueço, por Deus, de meus brinquedos !
No banho, quando sinto nos cabellos
Sua espuma de neve perfumada,
Parece-me escutar uma balada
Exaltando de Reuter os desvelos !

A limpeza adorando com exesso,
Não conheço presente mais bonito
Do que um pão de sabão, meu favorito,
Meu amado sabão, como confesso !
E na ancia de mostrar o seu desejo,
A sua fervorosa idolatria
Rindo, com gentileza e bizarria,
Imprimio ao sabão um outro beijo !

## IN EXTASIS

O' minh'alma angustiosa e amargurada,
No soturno pavor de um louco intento,
Carpindo a tua lugubre ballada
Por sobre as azas céleres do vento;

Que demonio revél te poz á estrada
Fél e sinte, veneno e mais tormento
E, ao mover dessa juba, uma canzoada
Raivosamente uivando o seu lamento?

Já que Deus te deixou tão dolorosa,
Vem te abrigar á humana cruz piedosa
Deste meu corpo flébil e tristonho;

Lanço ao mundo o meu echo e não respondes,
Ah, porque é que de mim tanto te escondes,
Leôa esfaimada á luz de um grande sonho?...

**Gonçalo Jacome**

Durante 40 annos uma alliança solenne, a mais solenne das allianças que a historia registra, unio a gloriosa Italia á possante Allemanha.

Um calafrio de surpreza percorreu a medula do mundo neutro quando, em Agosto do corrente anno, a bella Italia recusou formar os seus batalhões na linha em que pelejavam os da severa Allemanhã.

Esse mesmo calafrio se repete agora, ante a noticia de que a velha alliada da Allemanha vai fortalecer as fileiras dos inimigos da Germania.

Na Russia, por causa da guerra e apezar da unanimidade do sentimento nacional, foram presos os membros da Duma filiados ao Partido Socialista.

O general von der Gooltz e o seu collega von Bissing, governadores allemães de Bruxellas, envidaram todos os esforços para que reapparecessem os jornaes belgas.

Os jornalistas belgas, respondendo ás propostas germanicas, declararam que os seus jornaes não reapparecerão emquanto o rei Alberto estiver fóra da sua capital.

## Um presente de festas

— E' isso mesmo, minha senhora. Para presente de festas não ha nada mais proprio do que um rico *manteau* bordado a seda.

— Mas... *seu* Carvalho.... E' para a cozinheira...

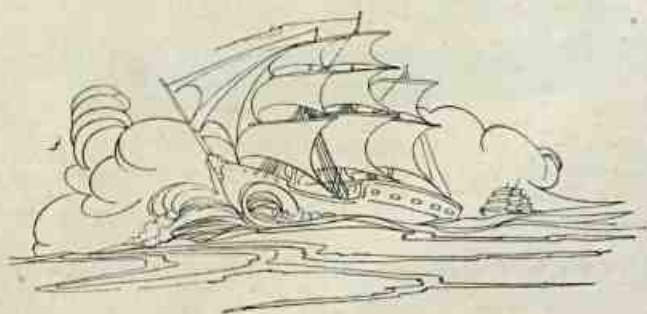
# GAÚCHO

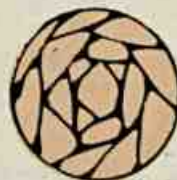
Na tréva do meu somno, illuminando-a, passa
Rubro, os pampas a orlar de salsa espuma equorea,
O ruidoso fulgor da vossa rude gloria,
— Deuses da minha tribu, avós da minha raça !

Tufões; o épico horror da lucta; a ignea fumaça
Das tabas e das náos ardendo; a audacia hectorea;
A avidez da conquista e a ambição da victoria,
Enchem, amplo, o arrebol que o meu olhar devassa.

Sinto, em grave theoria, os guerreiros concussos,
E, á voz do vencedor impondo o jugo a escravos,
Escuto imprecações, hosannas e soluços.

E nos céus vejo, á luz dos crepusculos flavos,
— Desboccados corceis sob as selvas de chuços,
Caravéllas á flôr dos largos mares bravos.

**Leal de Souza**

*Sou o Tempo e tu, Homem, és o meu filho dilecto, porque me comprehendeste, e me honras... E's o amante inconstante e traiçoeiro da Vida, que perturba o meu somno sem sonhos... Amo a realidade, não as illusões, e tu tens sabido ser o feroz dissipador de todas ellas. O meu estado é a morte e és no mundo o seu melhor paladino. Semeias a destruição, planejas a ruina, coordenas todas as potencias do mal. Dantes, tu me affrontavas com a risonha luz da tua imaginação adolescente, creadora e benefica, tu me affrontavas com os teus sentimentos, tu me affrontavas com os teus rijos musculos. Hoje, auxilias e resumes a obra que sem cessar recomeço para de novo ter o meu somno livre de todos os sonhos vãos, de todos os vãos cuidados, dos seres, das fórmas, das apparencias...*

*Homem, filho querido, saúda o Tempo insensível...*

# TALISMAN DA BELLEZA

Feliz e acertada combinação para combater efficaz e rapidamente as sardas, manchas de gravidez, pelle gretada pelo frio, rugas precoces, vermelhidão, comichões, picadas de insectos, pannos ou qualquer outra affecção do rosto e collo, tornando-os alvos, aveludados e perfumados.

Fórmula inteiramente diversa de todas as congeneres.

Não confundam o nome deste preparado com outros semelhantes.

**A' VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS E NO DEPOSITO GERAL**

## Perfumaria A' Garrafa Grande

66 - RUA URUGUAYANA - 66

---

A grande Isabel, rainha de Inglaterra, a Rainha-Virgem como a chamavam, deixou ao morrer tres mil vestidos.

Nos seus ultimos annos prohibiu expressamente que entrasse espelhos em seu palacio para não ver os estragos do tempo em seu rosto.

Isto faz lembrar o caso d'aquelle sultão que nascera tão feio que o pae, para que elle nunca pudesse ver reflectido o rosto, fizera-o criar na ignorancia da existencia desses objectos de toilette. Mas um dia, já elle nesse tempo era soberano, ao entrar com o grão-vizir em um quarto em que se arrecadavam trastes velhos, deparou repentinamente com um magnifico espelho de Veneza. E ao contemplar-se nelle, vendo a sua tristissima figura disparou em pranto no que foi acompanhado por seu fiel grão-vizir.

Choraram alguns minutos. Mas afinal o sultão que era uma grande alma conteve-se, cessou de chorar. O grão-vizir porem continuou. Meio escamado o sultão esclamou :

— Que diabo, eu já acabei de chorar e a cara afinal é minha e não tua.

— Ah ! Commendador dos Crentes, soluçou o Grão-Vizir, se V. M. chorou 5 minutos por ver só agóra a sua cara, lembre-se de que ha 30 annos eu a vejo todos os dias !

# Le RÊVE

E' uma admiravel creação dos Ateliers «Nascimento» em perfeita harmonia com a moderna evolução da moda.

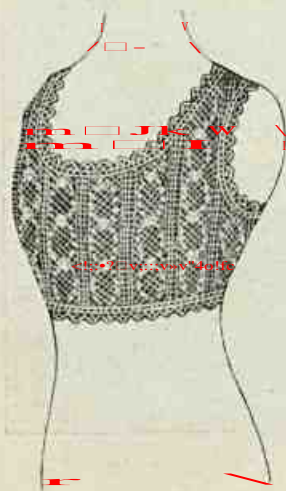
E' um modelo muito pratico e de uso extremamente agradavel com todo o genero de toilette.

Neste excelente espartilho as linhas superiores não ultrapassam a cintura mais que dez centimetros o que permitte completa liberdade ao collo, dando ao busto um porte de extrema elegancia.

E' em summa, um collete de factura impecavel, em soberbos tecidos e com «balenage» de 1ª ordem.

Como reclame de fim de anno a casa «Nascimento» offerece á sua clientela este excelente collete pelo preço insignificante de

**60$000.**

N. 11

N. 25

Lindos e novos modelos de «soutien-gorges» em «tricot», «tulle», renda, bordado e toile muito proprios para as toilettes transparentes.

Varios modelos aos preços de

**6$ a 55$**

## Officinas de Costuras e de Espartilhos sob medida

**M. NASCIMENTO** — **167, Rua do Ouvidor**

# AO AR LIVRE

## NEUTRALIDADE

Não são poucos os prejuizos causados aos paizes sul-americanos pela guerra. Ha, talvez, muita extensão nesta minha primeira phrase. Alguns dos paizes deste continente nada perdem. As republicas Argentina e Uruguaya, que souberam desenvolver com intelligencia as industrias agricolas e pastoris, vão ganhar agora, com a guerra européa, beneficios relativamente eguaes aos que lhe deu a guerra do Paraguay.

Nem todo o Brasil soffre tambem, pois o Rio Grande do Sul, embora não tenha chegado ao grão de adiantamento attingido pelas republicas visinhas, vae augmentar a sua importação. Opportunamente, o Amazonas e o Pará, com a valorisação forçada da borracha, voltarão a ser terras de nababo. Tambem o Paraná poderia ganhar alguma cousa se os seus governantes quizessem e os seus jagunços não se oppuzessem.

Mas, mesmo assim, tendo-se em vista o resto do Brasil e os outros Estados sul-americanos, pode-se dizer que não são poucos os prejuizos que a guerra causa ao nosso continente.

Si os prejuizos inevitaveis não são poucos, os perigos que poderiamos evitar são numerosos.

Os governos sul-americanos são neutros mas fazem negocios com os paizes belligerantes. E' uma neutralidade incompleta, como a dos Estados-Unidos.

Nas nossas aguas, travam-se combates navaes e muitas vezes navios que transportam os nossos generos e conduzem os nossos patricios são postos á pique.

O nosso commercio maritimo está, pois, ameaçado.

E' preciso acabar com essas manobras de corso nas aguas da America Latina.

Haveria um meio efficaz para conseguil-o?

Creio que sim. Fechemos os portos deste continente aos navios de guerra dos paizes belligerantes.

Talvez isso não esteja de accordo com os tratados internacionaes mas nós podemos violal-os em beneficio da humanidade do mesmo modo que os violam os belligerantes para desventura da especie humana.

Si nos somos obrigados a fechar as fronteiras terrestres aos exercitos, porque seremos obrigados a abrir os portos ás esquadras?

J. Falcão

Botafogo, Dezembro 1914.

---

# *Tacto apurado*

— Mas você não é cego?... Como sabe que eu sou *fino cavalheiro?*
— Pelo seu obulo, meu senhor. Quando eu recebo uma esmola pequenina, sei que o meu bemfeitor deve ser um ricaço.

As relações de Olavo Bilac e Raymundo Corrêa tinham soffrido uma desagradavel interrupção. Alberto de Oliveira, com a sua amavel habilidade, abordando-os separadamente, sondou em cada um as suas disposições para com o outro e, á vista dellas, achou acertado reconcilial-os.

No dia em que se realisou essa feliz reconciliação, os tres grande poetas, para consagral-a com solennidade, tiraram a photographia que, com o consentimento de Coelho Netto, a cuja collecção pertence, reproduzimos hoje.

## A TRINDADE IMMORTAL

*Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac*

O grande poeta Luiz Delfino trabalhava de um modo vulgar e era de noite, num canto da mesa de jantar, que compunha os seus immortaes sonetos. Ao findar o trabalho, o excelso artista reunia desordenadamente os seus papeis e punha-os sobre uma escrivaninha, no seu gabinete.

Cedo, ao sahir de casa, recommendava aos netos:

— Não me bulam na papelada.

A' tarde, quando regressava, o zelo carinhoso dos netos havia introduzido a ordem no Parnaso. Então, lançando em torno o olhar desconfiado, o poeta perguntava:

— Mas eu não disse que não bulissem na papelada?

*— Para a dor? para a alegria?*

*— E' para a lucta que seguem. O solo que pisam será por elles aberto, rasgado, torturado; das arvores que lhe offereceram sombra arrancarão todos os fructos; á sua passagem, ai das aves do céo! ai das féras nas furnas! ai do manso cordeiro innocente.*

*E' para o combate que marcham. Serão homens. Inquietos e avidos, revoltados e crueis viverão entre a ira e a insidia, inimigos de tudo e de si mesmos.*

*Amanhã, uma bandeira dividirá a encantadora theoria dos infantes unidos. Então, o irmão erguerá o seu «pean» sobre o corpo do irmão, e cada lagrima será uma infamia, e não haverá mais risos, e a ganancia e a colera chispearão nos olhos agora rasos de meiguice...*

*Pobres! serão homens...*

## Os perigos da Arithmetica

Inda hontem, vi na rua, cabisbaixo,
Como quem soffre maguas e pezares,
O meu amigo Candido Camacho,
Todo engolphado em dores e scismares.

Apertando-lhe a mão, discreto e baixo
Disse-lhe então : «Que tens ? que feios ares !
Com que rosto funereo e magro te acho !
Que mal te opprime, para assim andares ?»

Deu-me a resposta, numa voz pathetica :
— «A minha grande e negra desventura
Foi ter mulher sabida em Arithmetica.

Multiplicando os filhos, tal senhora
Diminuiu de mais minha figura,
E a prova foi tirar dos nove... fóra !...»

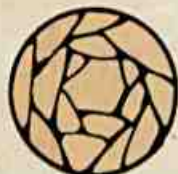
BRISAC

*Esta, sim, continuará luminosa e pura entre as torpezas e as violencias da terra.*

*O natal é a sua apotheose: symbolisa a natureza fecunda, a ventura pacifica dos lares, o amor sem jaça, a dedicação sem falhas, a belleza espiritual, immaculada e perfeita.*

*Vive para dar o seu sangue, em êxtase, gotta a gotta no delicioso morrer da maternidade, e é de luz santificada a torrente que aos poucos lhe mana do seio. Os deuses que morreram revivem nella, as crenças extinctas concentram-se-lhe no sorriso, todas as esperanças idas brilham nos seus olhos, o seu culto é o único culto.*

*Esta, sim, proseguirá cheia de graça entre as violências e as torpezas...*

*Mais linda que a scintilla fria das estrellas brilhará sempre no mundo a restea ardente do seu carinho. Nos passos que dér por entre os escombros haverá a harmonia das espheras. Do seu sorriso nascerão mundos e mundos...*

# A UM POETA

Ergue a toda mulher que seja bella,  
— De tua audacia embora o vulgo mofe, —  
Hymnos sem par! Em seu louvor cinzela,  
Phidiescamente, a tua estrophe!

Segue sempre um principio comezinho,  
Que em sisudo alfarrábio outróra achei:  
— "Embriaga-te sómente com bom vinho", —  
Como dizia um velho rei.

Accende-lhe da lyra as doidas chammas;  
Mas, si lhe ouvires pérfida lisonja,  
Recorre, si a ventura não desamas,  
Do olvido teu á lesta esponja.

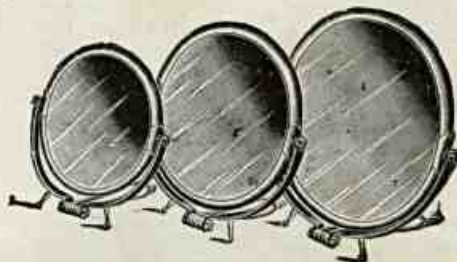
Enaltece, constante, a formosura,  
Descanta um rosto cândido e gentil;  
Mas não creias, jamais, jamais na jura  
Vinda de uma alma feminil!

Offerta-lhe, em continuos holocaustos,  
A seiva do teu corpo, sem ter pejo,  
E sorve-lhe da bocca, em longos haustos,  
Toda a delicia do seu beijo!

Deifica em rimas toda humana Venus  
De lábios côr de rosa-carmesim;  
Depõe-lhe, delirante, aos pés pequenos,  
O teu talento todo, emfim.

Dá-lhe as moêdas cantantes dos teus versos,  
A luz dos astros e o clarear do dia;  
Dá-lhe os fulgores immortaes, dispersos  
No céu cerúleo da Poesia!

Mas, si não queres que perpétua bruma  
Te vele, um dia, o brilho da razão,  
Oh! não te illudas! — A mulher alguma  
Não dês jamais teu coração!

**Basilio de Magalhães**

# Flôr de oiro

(Da chronica da Côrte de Haroun Al-Raschid)

*Homenagem a Leal de Souza*

Cercado de sua côrte, o radjah de Nepaul assistia, no grande pagode de Katmondau as ceremonias religiosas do brahamanismo com que se celebrava annualmente a entrada da *primavera*.

De todas as partes do pequeno imperio accorriam os fieis para esta solemnidade e, não raro, attrahidos pela singularidade do espectaculo, que, de pomposo attingia ás raias do phantastico — extrangeiros das regiões, as mais afastadas do extenso continente asiatico.

Não era de se esperar, portanto, que a chegada de um viandante, montado, embora, em elephante branco, albardado de purpura e coberto de pedrarias, pudesse provocar a attenção sobre si a ponto de determinar a sahida em massa dos fieis que enchiam o templo, para vir admiral-o em sua riqueza e em sua formosura.

Entretanto o templo ficou deserto...

A propria côrte acompanhou, na sua entrada triumphal esse extrangeiro, rico commerciante de Bombaym, em quanto, o murmurio unisono de todas as boccas repetia essas palavras;

«E' um predestinado; em Djaggernat as rodas do carro sagrado respeitáram a sua cabeça; certo é um querido da divindade».

Forasteiros curiosos, que se mantinham alheios ás ceremonias do brahamanismo, não se admiravam da aventura, que aos outros tanto e tanto preoccupava; as mulheres — e essas eram em maior numero — acompanhando o prestito explicavam-lhes, cheias de piedade, que em Djaggernat as ceremonias do Budhismo revestiam-se de caracteristicos extranhos de fanatismo e de ferocidade e que, emquanto pelas ruas da cidade, se conduzia em triumpho em grande carro d'oiro, com rodas de prata, tirados por elephantes brancos, a estatua da Divindade, os fieis mais fervorosos atiravam-se, sob as rodas dos altares movediços para serem esmagados, em sacrificio de purificação; aos olhos dos crentes, passava como signo de predestinação ser poupado na hecatombe.

Por isso o povo acclamando-o como o Brahma redivivo, acompanhava Tailopatchay...

*

Na noite que precedeu a esse acontecimento memoravel para a chronica da côrte do radjah Naraguribeo, sua filha sonhava de olhos abertos, nas trevas de seo quarto, com a belleza fascinadora do viandante de Misore.

Na manhã seguinte, uma escrava de Ceylão habil nos sortelegios, narrava, por minucias a historia de sua vida, os motivos da sua viagem — arrancando, por meio de encantamentos, os seus segredos, emquanto dormia no caravançarail immenso, ao lado do pagode.

Narrára-lhe o seguinte: — elle se dirigia a Bagdad com uma caravana, conduzindo ricas rendas da Persia e perolas de Ceylão; seo pae, opulento commerciante de Bombaym, lhe confiára, com a fortuna, a direcção dos seus negocios.

Por todo o Oriente, então, contavam maravilhas do *kalifa* Haroun-Al-Raschid, cuja sabedoria admirava os proprios sacerdotes e cujas riquezas povoaram de lendas a peninsula mosulmana da Arabia.

Com a sua caravana, partiu em direcção a essa côrte brilhantissima; e ficou fascinado pela riqueza de seos palacios magnificos, de seos jardins indescriptiveis; e deixou-se attrahir pela musica divina das cytharistas de Stamboul; pelo oiro e pela pedraria que, em profusão faiscava, coruscante, nos yatagans e no collo das princesas...

Nada, nada o encantára tanto como os divinos olhos, — olhos profundos, olhos de mysterios, negros e sonhadores — da «mais rica perola da côrte» de Isbeeth, a divina.

E delles se enamorou; amou-os, em segredo, a principio e, de uma feita, declarou-lhe a paixão que lenta o consumia, com o passar dos dias.

O *kalifa*, porém, cioso das mulheres da sua côrte, obstava-lhe casamento.

As filhas de seos cortezãos, de mais estima, elle as destinava ao desposorio dos cavalleiros do seo sequito: habil politica do soberano oriental.

Para não descontentar o indiano, que tantas riquezas á sua côrte trouxera, estabeleceu a provação seguinte para quem aspirasse a mão dessa princeza: «Joia incomparavel de formosura, de graças, de encantamentos varios, só a conduz, como esposa, quem fornecer aos imperiaes jardins desta côrte essa *flor de oiro* que viceja nas cabeceiras do Ganges, com a intermittencia de cem annos».

Ouvindo a condição que impunha o monarcha, elle sentiu o proposito de excluil-o da concurrencia...

Tremeu-lhe o coração; um fremito de raiva escapára, deante da côrte, de seos labios, e levantando as mãos para os céos exclamou: «Eu te maldigo *crescente*» e fitando calmamente o monarcha em seo throno: «Ella será minha, Senhor; eu vos trarei a flor encantada e a serpente do Indo»...

O murmurio de sympathia, que se elevou da assembléa, interrompeu, a voz sonóra de Selan-Omar: «Eu, eu tambem concorro a divina mão de Isbeeth».

Era o cavalleiro da predilecção de Haroun.

O *kalifa* sorriu e falou:

«A condição está lançada e a côrte é testemunha».

Cada qual se esforçava para preenchel-a.

Já percorrera o viandante todo o interior indiano e não encontrára, ainda, a flor; ia em demanda das cabeceiras superiores do rio sagrado; em cada lugar, por que passava, elle deixava signaes da sua piedade.

Em Djaggenart...

— Eu conheço a aventura, interrompendo a princeza, indagou pressurosa: — Onde está o estrangeiro? Onde?

— No templo, em preces.

— E quando parte?

— Hoje mesmo, ao cahir da tarde.

— Não é possivel retardar a sua partida?

— Impossivel; é um predestinado.

E quando a escrava sahiu Isbeeth, fechando os olhos, sentiu desfilar um, após outros, todos os dias monotonos da existencia desse viandante, que a subjugava pelo fluxo irresistivel da sua sympathia e que ia em busca de uma flor imaginaria...

E o amou em extasis e a grandiosidade de seo sonho...

*

— «Não conheço essa flor, extrangeiro», era a resposta, que ouvia em toda a parte.

Muitos annos duraram as suas correrias pelo interior indiano; sem um desalento, sem um gesto de desesperança.

Mas, em certa tarde de outomno, entrando no templo de Tenjab, elle sentia que sua a esperança tão viçosa lhe morria, no peito.

Nenhum fiel no templo, afogado nas primeiras sombras da noite; na immensa sala deserta echoavam cavos e graves o som de seos passos.

Pareceu-lhe, então, que a sua vida, seria eternamente vasia como esse pagode abandonado...

Sentiu a inutilidade absoluta do esforço, e a vacuidade do fim a que tendia...

Deixou-se ficar prostrado, em seo profundo desalento, sonhando...

Mas a imagem da mulher passou, em suas scismas, sorrindo, como uma promessa eterna de bemaventurança...

Apressado sahiu do templo; tomou a montaria e galopou nas trevas até o raiar do dia.

A ultima epidemia ceifára a vida de todos os habitantes daquellas paragens, que acabára de percorrer.

Nenhuma viva alma; um cheiro de podridão, suffocante, nauseabundo; aqui, alli, acolá, atravez das arvores da floresta esvoaçava espavorido, um abutre...

E o Ganges sereno, magestoso, transbordando de seo leito, innundando as seáras, cantava ululante um hymno, em honra de Vichnou....

De novo, voltou-lhe ao espirito a idéa da desnecessidade de qualquer esforço. Deixou-se embalar, por ella, ao trote largo da montaria, embrenhando-se, de mais a mais, pela floresta. Perseguiram-no durante o dia inteiro; acompanharam-no até primeiras horas das trevas as tentações do Nirvana...

Em seo espirito, bailava um *ser ou não ser* formidável, como um pesadelo...

Rememorando os dias primeiros da sua infancia indolente, elle se recordou que, muitas vezes, vira mulheres consultando o destino, accenderem cirios e depositando-os, sobre um madeiro, deixal-os descer fluctuante, ao sabor da torrente...

Accendeu a tremer o ultimo, que lhe restava; depositou-o de joelhos ás margens do Ganges e viu-o emocionado, descer bem acceso, nitidamente acceso, na curva do rio, que magestoso se espraiava, ao longe...

Na manhã seguinte elle foi tomado da vertigem da velocidade, tanto e tanto causticou o elephante branco, que montava.

O sol vinha nascendo.

Sobre um rochedo escarpado um brahmane, sinistramente pallido, mirrado, sonhava com a eternidade esteril do Nirvana.

Ainda uma vez visitou seu espirito a idéa de que os homens desvirtuavam a vida pelo esforço...

A brisa afllava, na folhagem adusta, como um sorriso da Natureza...

Pareceu-lhe que era a imagem do seo sonho e que lhe sorria, meigamente, como uma promessa de felicidade incomparavel...

Saltou da montaria; escalou a muralha de pedra; aproximou-se do fakir e, accordando-o, perguntou-lhe:

— Tú que és omnisciente, sabes tú onde se encontra a *flor de oiro* do Ganges?

— A *calanthia aurea* dos romanos? murmurou o fakir, descerrando as palpebras.

— A flor que falta aos jardins de Haroun...

— Ao norte, muito ao norte....

Elle desceu o rochedo e proseguiu na sua jornada.

Alguns mezes depois, atravessando uma serra alcantilada, onde a montaria ia passo a passo, como tacteando entre precipicios, nos pincaros de um rochedo altissimo, elle viu a calanthia aurea na explendida eclosão de suas flores todas...

Descendo, a tremer de alegria, com a preciosa orchidéa, das alturas das brenhas, elle, embriagado pelos seus perfumes capitosos, sonhava com os olhos negros, negros, mysteriosos e sonhadores de Isbeeth a divina... E abençoava o sacrificio....

*

Como corresse, com insistencia, a nova da morte do segundo concurrente á mão da linda mussulmana, Selan-Omar obtivera-a por premio.

Elle trouxera, num engaste de esmeralda reproduzindo folhas, uma flor de oiro — rica joia artisticamente cinzelada — e a mais bella obra, que sahira das mãos de Schiraz-Allan — um Benevenuto Cellini oriental.

As bodas se preparavam, quando os guardas accorreram ao palacio annunciando que o indiano voltava, trazendo a *flor de oiro do Ganges*.

A côrte esperava anciosa o julgamento do justo Haroun.

O indú entrou; ajoelhando-se deante do monarcha tirou de seo alforge, rico de pedrarias, as orchideas encantadas, que deviam figurar, como a mais rara planta dos opulentos jardins de Bagdad.

As flores haviam murchado.

A assembléa teve um murmurio de piedade para o viandante ainda coberto de pó.

Mas Haroun o conteve com um gesto senhoril e uma phrase soberana: «Uma flor que murchou não concorre pela Belleza».

Depois, voltando-se para Selan-Omar: — «As bodas serão para amanhã»...

*

Taiiopatchay, sombrio como o remorso, entrou na estalagem conduzindo, sob o braço, as *flores de oiro* que vicejam, nas cabeceiras do Ganges, com a intermittencia de cem annos...

Seos cabellos haviam tomado o colorido alvissimo do marfim e seos olhos a impressão brilhante e sinistra do desespero.

*

Na manhã seguinte, durante as nupcias do cavalleiro da predilecção do sultão de Bagdad, o palacio se ornamentou de flores de calanthia, que fascinavam pela belleza e inebriavam pelo perfume...

Quando Haroun depositou nas mãos da nubente a haste de oiro — rica joia, que Schiraz Allan cinzelára com os requintes da fantasia — ella se transformou numa calanthia purpurina, grande, immensa, sem perfume.

Terminada a ceremonia o prestito se poz em marcha...

As flores desappareceram, como que por encanto, deixando, na côrte, apenas, a saudade aromal de sua passagem...

*

A estalagem, em que se recolhera o viandante de Misore, teve a imperial visita de Haroun, que sua côrte acompanhára, com seos sacerdotes e seos sábios...

O milagre da floração das calanthias enchia de mysteriosas curiosidade o espirito de todos.

Sobre uma mesa, extendido, de bruços fitando as plantas que hirtas e mortas jaziam esparsas, pelo chão, o indú tinha os olhos vasados.

O sacrificio estava consummado, o grande sacrificio dos grandes inspirados; os sábios explicáram ao soberano o mysterio e o ritual extremo dessa abnegação.

A *calanthia aurea* jamais floresceu nessa côrte do Oriente; permaneceu a suave impressão da sua formosura deslumbrante...

Recorda a chronica, com tristeza, o fenecimento da especie orchidéa, a mais rara entre as raras e refere, que quando Haroun, o justo, recolhia-se aos seos aposentos, sentia que o contemplavam muito calmos, muito grandes, muito negros, muito vagos, uns negros, grandes, vagos sinistros olhos de fakir...

1906, Dezembro.

Teixeira-Leite Filho.

## A GUERRA

*Os belgas na batalha das Dunas, entre Dixmude e Nieuport*

## O SUPERLATIVO

Aula de portuguez. O professor, depois de discorrer largamente, com a sua copiosa erudição, a respeito do vocabulo *christão*, pergunta ao alumno que lhe está ao lado :

— Qual é o superlativo de christão ?

Este alumno não responde. O professor, de testa franzida, ordena :

— Adiante ! Adiante !

O dedo professoral deslisa sobre uma fileira de alumnos silenciosos.

— Com effeito !

Lançando, envolvente, o seu claro olhar sobre a aula inteira, o mestre pergunta :

— Ninguem sabe qual é o superlativo de christão ?

Ergue-se Pipinello, o interessante Pipinello, ergue-se com a sua ingenua subtilesa de creança, e diz :

— Eu sei.

Espantado, calculando mentalmente o numero de annos vividos por aquelle menino em quem nunca até ahi demorara os olhos, o professor repetio :

— Qual é o superlativo de christão ?

— Carola ! respondeu, convencido e veridico, o joven Pipinello.

## OS NOSSOS FILHOS

O Zizinho ao voltar da escola grita :

— Mamãe, venho com uma fome de lobo.

— Toma — diz-lhe a mãe dando-lhe um pedaço de pão. Mas lembra-te do que teu pae sempre affirma: nem só do pão vive o homem.

— Então dê-me tambem um pedaço de queijo.

## Manuscriptos caros

Em um leilão de um collecionador realizado em Berlim, poucos dias antes de estallar a actual guerra, foram vendidos alguns manuscriptos que obtiveram preços magnificos.

Um fragmento da opera inacabada de Wagner «As bodas» foi vendido por 1.500 francos.

Uma opera de Back «El Clavecin bien temperé» 24.000.

Outro fragmento de Wagner «Os marinheiros» 6.250 francos.

Esboço d'uma symphonia em mi-bemol de Wagner, para piano 3.100 francos.

Um manuscripto de Aaendel com uma aria da opera «Rodomisto» 17.875 francos.

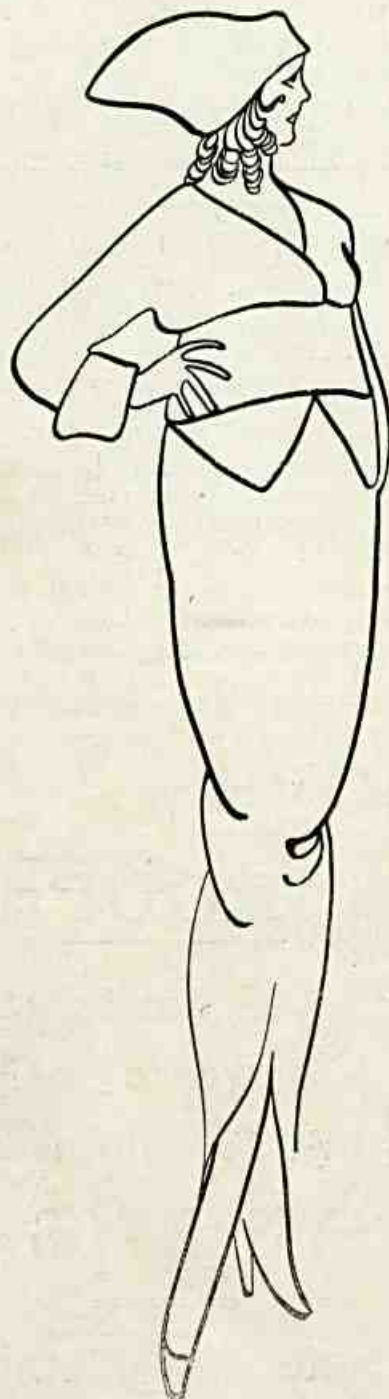
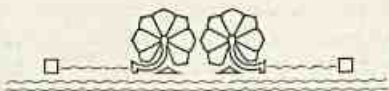
Outro de Gluck, variações sobre a aria «Perdi minha Euridyce» 3.125 francos.

Duas paginas de um quarteto de Mozart 1.100 francos.

Uma carta escripta a lapis de Beethoven 250 francos.

Uma carta de Mendelsohn 130 francos.

Cartas de Schumann de 160 a 210 francos cada uma.

E assim por diante. E depois digam que a musica é uma arte decadente...

## UMA D'ELLE

Quando *Elle* era sargento foi de uma feita ao dentista por via de uma dor de dentes.

O dentista que era um selvagem arrancou-lhe um magnifico molar em vez do dente cariado. O *Elle* contara isso aos camaradas.

— E você não prostestou ?

— Eu ? Pois se era de graça !

Os reis da Suecia, Noruega e Dinamarca vão se reunir em Malmo para ver se aos seus interesses convem mais ficarem neutros ou apanharem como a Allemanha.

## Dia de urucubaca

O Dúdú em Petropolis como não tem mais o que fazer deu para caçador. Em dias da semana passada um amigo encontrou-o cerca de 1/4 de legua da cidade armado com uma grande carabina de caçar tico-ticos.

— Que diabo vaes fazer Dúdú ?

— Ora esta, bem estás vendo, vou caçar.

— Mas caçar hoje ?

— Que tens que seja hoje ?

— Hoje é sexta-feira. E' dia de urucubaca.

— Pois é por isso mesmo. Nos outros dias não acerto um tiro. Pode ser que a urucubaca seja para os bichos.

## OS NOSSOS FILHOS

— Que nota teve você hoje á licção Sylvio ?

— Não posso responder, papae.

— Porque, ora esta ?

— Porque no meu livro de hygiene se aconselha a não falar á mesa de cousas desagradaveis.

---

Achando excessivas as exigencias allemães, os habitantes da cidade belga de Roulers empunharam pás, enxadas, picaretas e outros instrumentos de trabalho e, de noite, atacaram as forças germanicas, com as quaes travaram um terrivel combate.

Chegando noticia dessa lucta ao acampamento dos alliados, as forças francezas marcharam em soccorro dos belgas amotinados e chegaram a tempo de salval-os, destroçando os teutos e reconquistando a cidade.

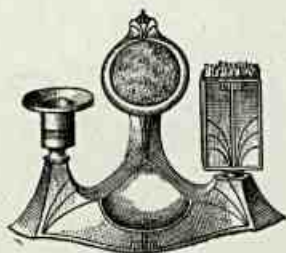
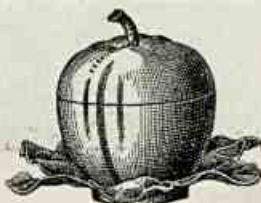
A incursão dos navios allemães á costa ingleza assignala o primeiro bombardeio soffrido por cidades da Gran-Bretanha.

*A Tragedia divina*, impressa no Rio de Janeiro em *1915*, é um poema sacrilego escripto pelo Sr. Costa Victor, prefaciado pelo Sr. Carlos de Vasconcellos e illustrado pelo Sr. Kalixto.

———oo———

Ressurgem as amazonas, mas desta vez com dois peitos...

Na Inglaterra, foram equipadas e armadas como as praças dos regimentos regulares, quatro companhias femeninas de voluntarias, das quaes é commandante, com o posto de coronel, a Viscondessa Castlereach.

Espera-se que as heroinas inglezas conquistem as épicas tropas allemães.

---

## O TALENTO E A OBESIDADE

Muita gente imagina que o talento não pode existir plenamente n'um individuo obeso. Sem motivo algum, quasi toda gente ao ver um obeso, diz com os seus botões: «Este sugeito não pode deixar de ser uma besta». Pois, é um erro tal maneira de julgar. Taft, o penultimo presidente dos Estados Unidos, é o segundo obeso que se senta na cadeira presidencial d'aquella grande confederação.

O primeiro presidente gordão foi Cleveland, que pertencia ao partido democratico.

Napoleão I, apezar da vida activa que levava, de magro como vara de angelica que foi em Brienne e até o termo da campanha da Italia, começou a engordar no Consulado e, em Santa Helena chegou a ser disforme.

Balzac, o grande romancista, era excessivamente gordo; Dumas pae tambem o era, e Sante Beuve tinha um abdomen como o de Falstaff.

Apezar da sua corpulencia, que se esforçava por diminuir bebendo vinagre, Eugenio Sue escreveu com talento muitos romances. O seu *Judeu Errante* é uma grande obra.

Flaubert, o autor de *Madame Bovary* e de Salammbó, era enorme.

Rossini, o immortal autor do *Barbeiro de Sevilha*, era tão gordo que só com o auxilio de um espelho conseguia ver os joelhos.

Jules Janin, o principe do folhetim e da critica, no seu tempo, quebrava sob o seu peso todas as poltronas e sofás communs em que se sentava.

Labache, o grande cantor, passou pela decepção de pagar algumas vezes em que viajava, o triplo da passagem.

Entre nós é muito conhecido o actor Chaby, que não tem nada de esguio e é um comico de alto merito.

Dentro em pouco será recebido na Academia de Lettras, para a qual foi recentemente eleito, o maravilhoso burilador do verso que é Emilio de Menezes, cuja gordura é celebre em todo o Brazil, sendo, entre os nossos intellectuaes, apenas desbancado em corpulencia pelo Sr. Oliveira Lima, cuja celebridade n'esse sentido é universal.

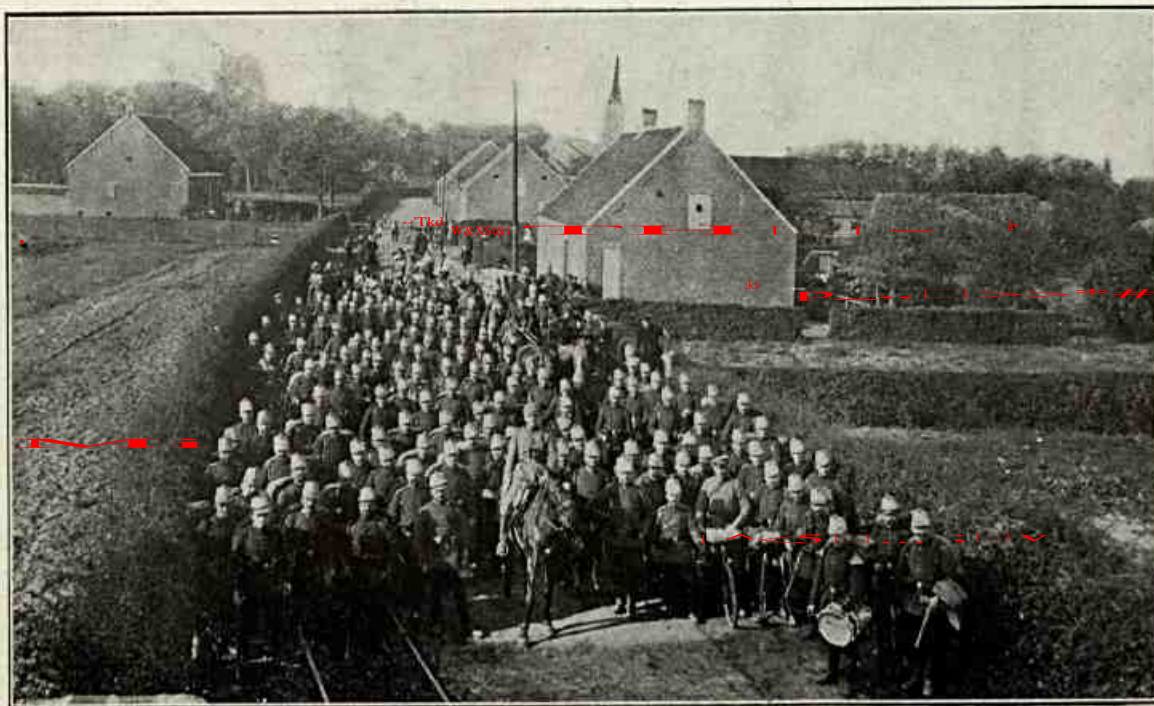
### Tempestade conjugal

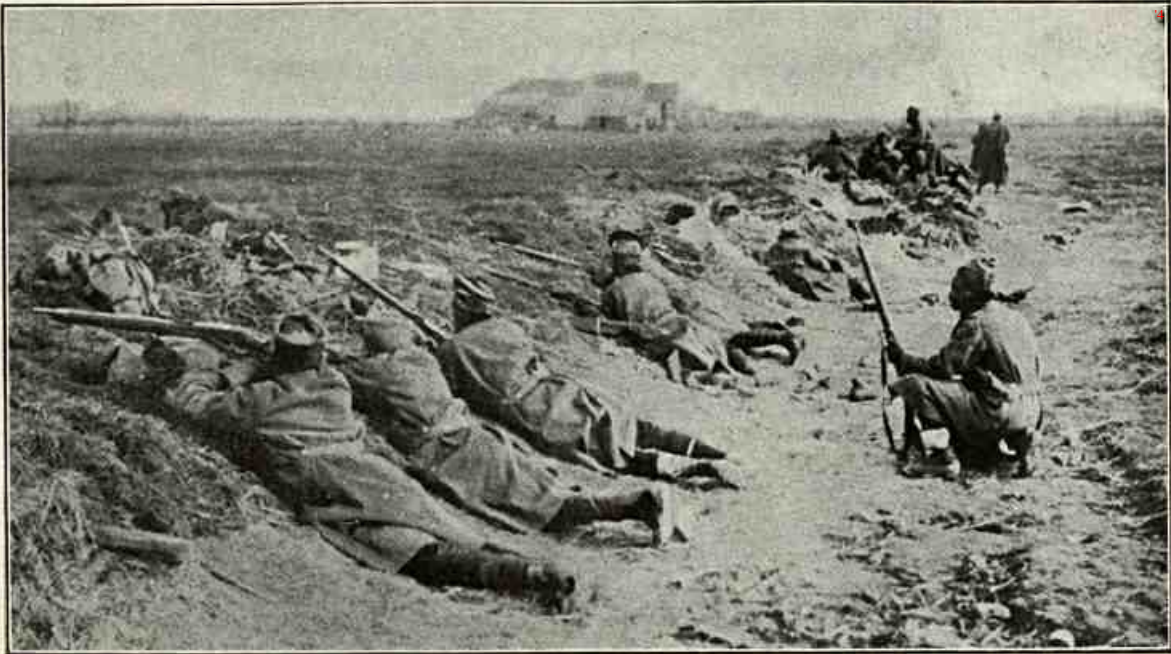
No fogo da discussão o marido deixou escapar:

— Tu és uma simploria tão tola que nem saberias fazer a differença entre um cavallo e um burro.

Ao que a mulher respondeu:

— Ora essa! Em que dia foi que eu te chamei cavallo?

## A GUERRA

*A milicia territorial allemã, numa estação, perto de Antuerpia*

# A GUERRA

*A infantaria senegaleza na deffensiva, em Pervesé*

## EMBOSCADA

Apezar dos seus melhores amigos o haverem prevenido com provas cabaes que o Ignacio de Albuquerque puzera assassinos de tocaia no percurso que tinha de fazer de Umary ao Iguatú, o Estevam de Mattos não recuou da resolução que tomára. Ir áquella cidade sertaneja, a cavallo, varando o sertão inhospito, representava para elle um compromisso de honra. Havia promettido á firma Ricarte Irmãos saldar as suas dividas no dia 30 do mez. Os seus negocios de gado em Pedras de Fogo tinham dado lucro sufficiente. Possuia o dinheiro necessario ao pagamento das letras que os Ricartes guardavam. Elles lhe haviam emprestado aquella somma para salval-o duma situação afflictiva em negocios de gado. Puzera-os em dia. Só lhe restava agora desobrigar-se da promessa. Não seriam forças humanas capazes de o demover. Nem mesmo acceitava o alvitre de mandar pagar por outro. Iria em pessôa, para mostrar á firma que era homem de palavra e para mostrar ao Ignacio que não lhe temia os cabras traiçoeiros e a vingança mesquinha.

A mulher, em lagrimas, rojou-se-lhe aos pés; os filhos pequenos supplicaram-lhe em vão. Marcou o dia da partida. Deu ordens severas para milhar bem o cavallo ruço e preparar um mocótó de sustancia. Destemeroso, honesto e franco não se arreceiava de outro homem. E' verdade que dum tiro certeiro de espera ninguem se livrava. Mas elle «sabia onde dormiam os preás». Era vaqueiro velho, cheio de mocambos, conhecedor de negaças. Andára uns tempos atraz de cangaceiros, guiando destacamentos. Tinha plena confiança em si.

No dia marcado, seguio viagem. Partio de manhã, mas não se embrenhou logo nas catingas. Algum esculca o havia de ter espiado e logo corrido a levar a nova aos assalariados das emboscadas. Parou fóra da villa em casa do Mathias Florindo, escondeu o ruço na casa de farinha e alli se ficou, a parolar com o amigo té sol posto. Com o escuro foi embora, levando o animal de vagar, a clavina de repetição passada sobre o arção do *ginete*. Deixou a estrada e metteu-se pelo matto, guiando-se pelas estrellas faiscantes, que avistava por entre a ramaria rala dos páus-brancos. Tinha medo da lua. Nessa noite ella ainda se levantava tarde. Mas ao outro dia nasceria mais cedo e ao outro mais cedo ainda.

Quando ella clareou o matagal, madrugava já. Distanciou-se mais da estrada que seguia parallelamente, avistando-a ás vezes, por entre os troncos lisos. Num fechado de rompe gibão, mandacarús e umburanas, onde o pasto verde e succulento cobria o chão, tirou os arreios do cavallo e amarrou-o pelo cabresto a um tronco. Depois, fazendo da manta cama e da sella travesseiro, adormeceu ao pé das arvores.

O sol nascia.

Assim viajou mais uma noite e dormio mais um dia. Na terceira noite de viagem a lua veio muito cedo. Aquillo contrariava-lhe os planos. Alem disso a catinga naquelles logares era tão espessa, tão eivada de espinhaes, tão accidentado o terreno, de barrocas, pedras e fojos naturaes, que só teve um remedio, depois de experimentar o transito do matto em varias direcções, que foi ganhar a estrada larga e seguir por ella, lento, de ouvido á escuta e olhos á espreita.

O luar claro escorria pelos troncos alvos e fazia das resinas transparentes lagrimas de luz. Altas, immoveis, as frondes das arvores destacavam-se na claridade do céo. Mães da lua gargalhavam ao longe, muito longe.

Os olhos argutos do Estevam notaram que numa gamelleira grande, entre dois grossos ramos em forquilha, as folhas eram tão chegadas que por entre ellas não se coavam o luar. Parou o cavallo e apontou a clavina para aquelle escuro de folhagem, na desconfiança instinctiva em que vinha de homens atocaiando-o das moitas e das côpas das arvores. O tiro partio, ecoando nos pedregaes. E um vulto de homem tombou molle lá do alto, a escabujar na estrada branca.

Do alto de outra arvore mais adiante veio uma voz de homem, dura e cortante no silencio daquella solidão :

— Mataste, Chico ?

O Estevam estremeceu. A emboscada era de dois. Que havia de fazer ? Si falasse, o salafrario conhecer-lhe-ia a voz e fugiria a prevenir o amo vil da morte do companheiro. Si não falasse, o miseravel desconfiaria, havia de tentar espiar o que se passara e iria dar o alarma á chusma villanaz dos bandidos do Ignacio, ou do seu esconderijo talvez o prostasse com um tiro bem dado. Essa hesitação durou um instante. A sua grande calma ante os perigos salvou-o, ajudada da fertilidade do seu espirito aguçado e todo subtilezas. Soltou um assobio arrastado e discreto, chamando o outro :

— Fô-fi-i-i-ô-ô-ô...

Ligeiro, apeou-se do ruço e ficou de pé, clavina aperrada, no meio do caminho illuminado ante o corpo do cangaceiro. O outro veio, cauteloso. Ao avistal-o na claridade do luar, levou a arma á cara. O tiro partio e o bandido cahio de joelhos, com um grito. Depois, tambem de frente no barro, estorceu-se alguns segundos. Aquietou-se por fim.

Ao seu grito, só o eco respondeu.

Nem uma voz soou nas espessuras das moitas e baixou da camada das umaryseiras. Pesou um grande silencio no serão enluarado. O Estevam montou o ruço. Accendeu o cachimbo e largou veloz pela estrada em fora...

**Gustavo Barroso**

---

# A GUERRA

*Fossos cheios de pontas de ferro preparados pelos austriacos contra os servios*

# CURA ASSOMBROSA!!

COM O

# ELIXIR DE NOGUEIRA

*J. Ursini Junior*

Diamantina — Minas, 28 de Março de 1913.

Illmo. Snrs. Viuva Silveira & Filhos. — Rio.

Tendo usado o ELIXIR DE NOGUEIRA, para um rheumatismo chronico; na perna direita, tive a felicidade de ver-me radicalmente curado, apenas com 1 só vidro. Agradecendo-lhes como inventores de tão santo medicamento, não posso deixar de recommendal-o a todos os que soffrem desse mal. Junto a minha photographia para ser publicada no vosso jornal, o ELIXIR DE NOGUEIRA, como maior prova de minha sympathia por esse medicamento.

De VV. SS. Amo. Att. e Cr.

*J. Ursini Junior.*

CASA MATRIZ

Pelotas - RIO GRANDE DO SUL - Caixa N. 66

Casa Filial e Deposito Geral

RUA CONSELHEIRO SARAIVA Ns. 14 e 16

Caixa do Correio 148 — Rio de Janeiro

Consta, no Quartel-General do Exercito, que o Sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca vae ser nomeado commandante em chefe das forças em operações contra os fanaticos do Contestado.

Com S. Ex., na qualidade de seu ajudante de ordens, seguirá o Tenente Feliciano Sodré.

O *record* das construcções navaes foi batido pelos estaleiros inglezes que construiram o cruzador-ligeiro *Carolina*, cuja quilha foi assentada em Janeiro, sendo o navio lançado ao mar em 21 de Setembro e entregue inteiramente prompto ao almirantado em 17 de Dezembro, tudo do corrente anno.

Em todos os estados — Em todo o interior

RUA SETE DE SETEMBRO, 78 — RIO DE JANEIRO

## Cousas passadas

Livia, viuva do imperador Augusto, em palestra com algumas damas romanas suas amigas, foi por estas interrogada sobre os meios de que se havia servido para ter conservado constantemente o affecto entranhado de seu marido.

— De meios muito singelos, respondeu Livia; cumprindo rigorosamente os meus deveres, caminhando ao encontro dos desejos de Augusto, executando pontualmente as suas ordens, não me intromettendo nos assumptos que não eram de minha conta, e procurando esquecer ou ignorar os seus defeitos, se é que elle os tinha.

O historiador que nos forneceu este trecho, não se esqueceu de dizer que as amigas de Livia reconheceram intimamente o acerto do seu proceder, mas, como não tinham a sua linha, vingaram-se olhando-a com um fingido sorriso de desdem.

Até hoje não consta que Livia fizesse discipulas.

ALLEMANHA

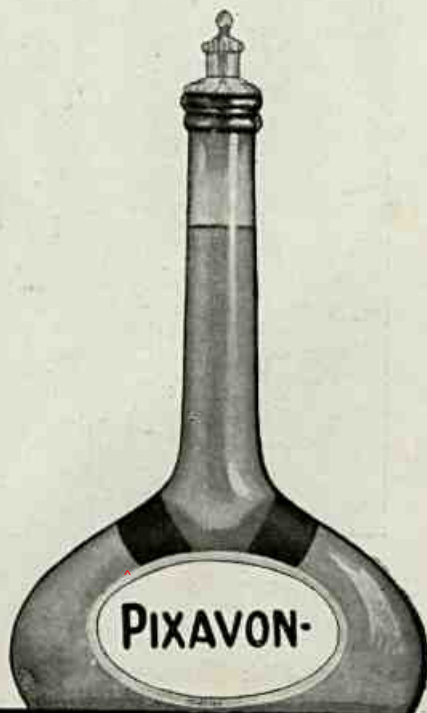
*Condecoração de um official*

## Entre hispanos

— Tenho um irmão tão alto que accende os cigarros á noite nos combustores de illuminação.

— Isso nada é em comparação com uma tia que eu já tive e até morreu de pneumonia por ter apanhado na rua uma carga d'agua. Imagina que era ella tão alta que não podia sahir com um guarda chuva, pois que com a cabeça sempre lhe furava o panno.

Guilherme II, rei da Prussia e Imperador da Allemanha, no grave momento em que os seus exercitos recuam no Occidente e avançam no Oriente, teve a desgraça de adoecer, estando em estado grave ou satisfatorio segundo a fonte das informações relativas á sua saúde.

Não sabemos se fazendo votos pelo restabelecimento do soberano desagradamos os allemães mas sabemos que coquistamos as bôas graças dos franco inglezes, os quaes attribuem a elle o fracasso da investida fulminante.

Os mais famosos e mais brilhantes Clubs cariocas são o dos Diarios, o de S. Christovam e o de Copacabana e estão com as suas portas mais ou menos fechadas, visto como o calor está transferindo para as alturas frescas da serra ou para o frescor sadio das estações aquaticas os austeros cavalheiros que jogam o *pocker* e as donairosas damas que dansam o *tango*...

Para não ferir suscetibilidades, declaremos ignorar si se dansa o *tango* e joga o *pocker* naquelles fulgurantes *clubs*.

Com ou sem *tango* ou *pocker*, elles estão mais ou menos fechados. A ultima festa realisada nos *Diarios* não foi dessa rica sociedade, mas dos bachareis de 1914.

O silencio que se faz em torno dos grandes *Clubs* permitte perceber o rumor de alegria que sae dos outros, que são menos poderosos mas que se reputam tão elegantes como os que mais o forem.

A estação do Sampaio tem o seu Club, o Atheneu Club, cuja séde é no Largo da Matriz do Engenho Novo n. 15, onde se realisou, no dia 19, a festa mensal. Um dos nossos redactores, incumbido de representar-nos nessa bella festa, não poude comparecer a ella por causa do atraso normal do trem suburbano.

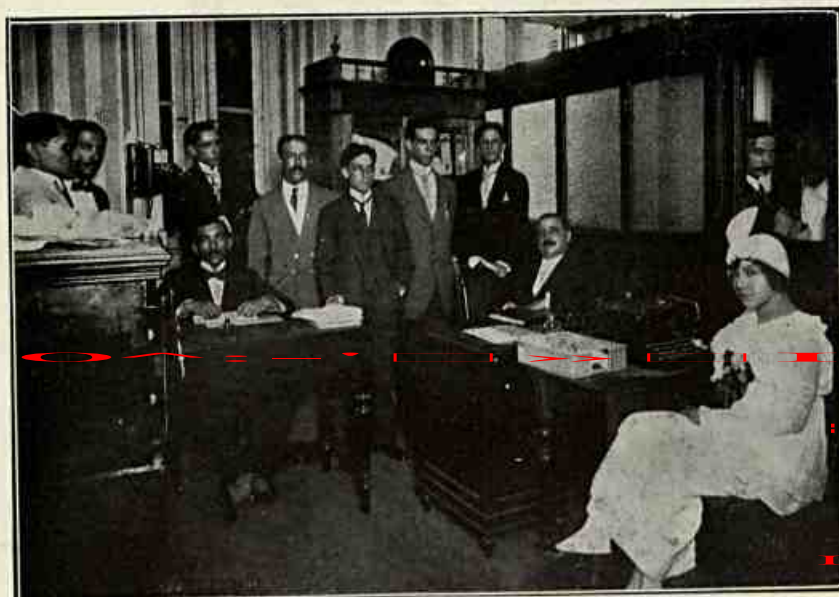
Nessa mesma noite, no centro da cidade, na rua da Alfandega n. 91, uma outra sociedade dansante, o *Rio Club* realisou a sua festa.

O fechamento provisorio dos grandes clubs facilitou a observação do que se passa nos menos afamados.

---

Noticiaram os jornaes que o Sr. Hermes Rodrigues adquirio, em Petropolis, por trezentos contos, um palacete escripturado por cento e cincoenta.

Para se comprehender a baixeza dessa intriga da opposição, basta considerar-se que a escriptura feita nas condições referidas lesaria o erario, diminuindo o valor do imposto de transmissão.

---

Escriptorio da superintendencia da Anniversaria Brasil, á rua Theophilo Ottoni 76 — Esquina da Avenida Rio Branco, por occasião dos seus primeiros pagamentos, que attingiram a elevada somma de 284:000$000, pagos a 338 associados no praso certo, conforme dispoem os seus estatutos. Sentados o Snr. Antonio Vivaqua, superintendente da Sociedade e o Snr. Octavio Peçanha, agente geral, cercado de seus activos auxiliares e chefes de secção.

**Entre companheiros de tréça**

— Olá ! de fato novo !...

— Ganhei cinco contos hontem na roleta.

— Felizmente ; agora não aborrecerás mais os amigos com as tuas lamurias por não poderes pagar as dividas.

— Pois sim.

— E' mesmo : trata de aproveitar o cobre e paga o que deves.

— Nessa não caio eu.

— !

— Se eu fizer isso, fico sem dinheiro.

O coronel Rego Barros não anda feliz com a sua deselegante litteratura disciplinar.

Tendo, no requerimento de um inferior, prestado uma informação a este desairosa mas sem base em documentos officiaes, o atrabiliario homem de lettras gordas provocou ao ministro da guerra um salutar aviso em que se scientifica aos povos fardados que os sargentos, apezar de não trazerem galões nos punhos, são creaturas de direitos garantidos pelas leis e não devem ser reprehendidos quando não commetteram delictos.

# MOLESTIAS

DE

# SENHORAS?

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO, como sejam HEMORRHAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma as dôres e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo.

Pelas propriedades tonicas e fortificantes que possue convém a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE.

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

Inventores dos preparados:

A SAUDE DA MULHER,

BROMIL, BORO-BORACICA E

DEPURATIVO LYRA

# GUARANESIA

(Anti-acido poderoso)

PARA O ESTOMAGO, INTESTINOS E CORAÇÃO

**VELHICE:**

Alcance maximo da vida! Ponto em que rememoramos com saudade os tempos idos... olhando o futuro que nos sorri, confiantes no effeito da Guaranesia.

Depositarios: — **Campos Heitor & C.**

URUGUAYANA N. 35

Em todas as pharmacias

Vende-se em todas as bôas casas de perfumarias